

República de Angola

COLLECTION ED / SDI

**Integração de Crianças com Necessidades Educativas Especiais no
Ensino Geral**

GUIA DE APOIO AO PROFESSOR DO ENSINO GERAL

GUIA DE APOIO AO PROFESSOR DE ENSINO GERAL

Sumário

0. Introdução

1. Breve caracterização da situação sócio-económica do País

2. Caracterização da situação educativa

2. 1. Identificação dos problemas educativos

2. 2. Ensino geral . que objectivos ?

3. Considerações gerais sobre o processo de ensino - aprendizagem

3. 1. Aspectos técnicos e metodológicos gerais no processo de ensino - aprendizagem

3. 2. Professor como organizador do trabalho docente-educativo

3. 2. 1. Planificação didáctica no processo de ensino - aprendizagem

3. 2. 2. A execução do processo de ensino-aprendizagem

3. 2. 3. Avaliação no processo de ensino - aprendizagem

4. Reflexões sobre a criança em situação difícil

4. 1. Diagnóstico - que crianças tem a nossa Sociedade ?

4. 2. Problemática do ensino especial

4. 3. Integração da criança

4. 3. 1. papel da Família

4. 3. 2. papel da Escola

4. 3. 3. papel da Sociedade

4. 4. Sugestões

4. 4. 1. Como identificar casos

4. 4. 2. Formas de atendimento

5. Formas de auto - aperfeiçoamento do Professor

5. 1. Conceito de auto - aperfeiçoamento

5. 2. Formas de auto-aperfeiçoamento

5. 3. Mecanismos de medição do trabalho

Bibliografia

Introdução

O *direito* das pessoas à educação consta de uma *Declaração universal* proclamada pela Organização das Nações Unidas em 1948 e é instituído na República de Angola como um dos *princípios constitucionais* que merece séria reflexão e cumprimento programático *inadiável*. A Declaração sobre a *Educação para todos* difundida a partir da Conferência Mundial de Jomtien, Tailândia, em 1990 é um instrumento universal de importância *capital* e acatamento *imediato* que passou a consubstanciar e catalisar a de 1948.

A educação constitui uma *necessidade básica* ao indivíduo para que se forje como *autêntica* personalidade, para que tenha uma inserção *prestável* à Sociedade, e ao mesmo tempo, torna-se *condição* imprescindível para o desenvolvimento cultural, social, político e económico de uma Nação.

O Governo angolano tem como preocupação constante a preparação e formação de quadros, sobretudo *jovens*, para a reconstrução nacional e para a edificação de uma Nação *culta* à altura de enfrentar os novos *desafios* da ciência e técnica. Porém, os *conflitos armados* que perduraram cerca de duas décadas, propiciaram o *retardamento* da realização de alguns projectos promissores relacionados à educação e outros protelados.

Com as *reformas* constitucionais, económicas e sociais, o país viu *nascer* uma Nação em processo contínuo de *democratização*, e lenta mas seguramente está sendo implantada a *Paz* há muito almejada - daí surgirem novos desafios : reestabelecer a *tolerância*, a *concordia*, a *confiança* e a *fraternidade* entre os angolanos sendo a regeneração global da educação uma das *estratégias* aconselháveis para tal fim e com *mãos dadas*, reconstruir o país e com as forças da sabedoria e da virtude, forjar uma Nação *justa, forte e próspera*.

Nesta árdua tarefa, o professor tem um papel *preponderante* a desempenhar.

Este guia de apoio que se compõe de cinco partes fundamentais(introdução, breve caracterização da situação sócio-económica do país, caracterização da situação educativa, considerações gerais sobre o processo de ensino - aprendizagem, reflexão sobre a criança em situação difícil e formas de auto-aperfeiçoamento do professor), colocado às mãos do professor na tentativa de lhe dar apoio eficaz no desenvolvimento das suas tarefas docentes, extra-docentes e para-docentes do dia-a-dia, *visa* os seguintes *objectivos fundamentais* :

1. *Dotar* o professor de conhecimentos básicos e atitudes específicas necessárias para o seu exercício que lhe permitam participar activa e criativamente da educação das crianças;

2. *Actualizar* e capacitar o professor de forma a promover uma escola *democrática* e *integracionista* onde possam viver harmoniosamente todas as crianças escolarizáveis, independentemente dos problemas de que são portadoras;

3. *Apoiar* o professor na promoção da reconciliação nacional e na luta pelos valores da democracia para possibilitar maior *sucesso* escolar;

4. *Proporcionar* ao professor formas e meios de auto-aperfeiçoamento com vista a melhorar a sua pericia pedagógica;

1. Breve caracterização da situação sócio-económica do país

A educação é um processo de *instrumentalização* do homem a fim de melhor conhecer a *natureza*, a *sociedade*, *conservá-la*, *transformá-la* para seu benefício. O Professor deve *conhecer* a *sociedade* e as suas *pessoas*, as suas *tradições*, *línguas*, *religiões*, *histórias*, *costumes*, etc., estar bem *inserido* nela e fazer com que o ensino se *encarne* nesta realidade concreta.

A Nação angolana é formada por vários *grupos étnicos* que, embora mantendo características próprias, possuem *afinidades* entre si; isto facilita a *unidade nacional*.

A República de Angola representa uma *Nação subdesenvolvida*, *subindustrializada*, pois possui um parque industrial *obsoleto* e *semi-paralisado*, uma rede comercial *escassa* e pouco operacional, uma rede sanitária *pouco abrangente* e *ineficiente*, uma rede escolar que ainda *não é* capaz de satisfazer todas as crianças em idade escolarizável. O Professor, *conhecedor* desta triste realidade, que culmina no *fraco* nível do poder de compra, no *difícil* acesso à educação e saúde, deve ter *uma atitude inteligente*, *patriótica* e *participativa*.

Depois de cerca de duas décadas de guerra fratricida que massivamente *ceifou* preciosas vidas humanas, *destruiu* instituições científicas, infra-estruturas escolares e residenciais, etc., surge trémula mas seguramente a *Paz*.

Esta guerra que consigo trouxe a *pobreza*, as *epidemias*, a *deterioração ambiental*, a *migração* de populações rurais para as zonas urbanas, a destruição e *desintegração* dos lares, a *depravação* alarmante dos costumes e valores morais e cívicos, etc., deixou marcas *profundas* que perdurarão e perturbarão ainda gerações vindouras; sendo dificilima a regeneração da sociedade em pouco tempo, pois custa *sarar* feridas da mente e do espírito - eis o desafio que testa o professor.

Acresce-se às consequências supra-citadas, a *recessão* económica e financeira, as *calamidades* naturais, a existência no país de cerca de *3,6 milhões* de habitantes directamente afectados pela guerra dos quais *40%* são crianças; a existência de *1,5 milhões* de crianças a viverem em condições extremamente difíceis, de *3 mil* crianças na rua e da rua ¹.

As crianças são em grande número categorizadas de *separadas*, *traumatizadas*, *agressivas*, *revoltadas*, *mutiladas*, *abandonadas*, *perdidas*, *desconfiadas*, *órfãs*, etc. Todas elas são crianças da nossa sociedade - futuro de Angola - a serem *recuperadas*.

¹ Mesa redonda. MED 1991 e MINARS

Em suma, este quadro sombrio constitui para o Professor um *desafio* que lhe deve *motivar* a participar activamente com mãos *dadas* à reconstrução do país e à restauração dos valores de *civilidade, da moralidade*, enfim, da cultura no seu amplo sentido e fazer com que o ensino se vire para a *compreensão* e a *solução* dos problemas concretos do país tais como da *saúde*, da *habitação*, da *alimentação*, do *ambiente*, da *prosperidade*, etc. de forma a *incitar* e *estimular* os concidadãos a conhecer profundamente a sociedade e relacionar com ela os conhecimentos adquiridos com vista a sua progressiva *transformação*.

2. Caracterização da situação educativa

Como se caracteriza a situação educativa do País ? Angola é um país com uma população bastante jovem. Tem uma taxa de crescimento natural rondando dos 2 aos 3 % ano. De forma geral a população com menos de 15 anos de idade representa cerca de 45 % do total de habitantes e da faixa etária dos 0 - 19 anos totaliza aproximadamente 35% ².

Com base em dados apresentados pelo Ministério da Educação durante a Mesa redonda realizada em Julho de 1991 com apoio técnico e financeiro do PNUD, do UNICEF e da UNESCO, estima-se que a população em idade escolar (dos 5 aos 14 anos) seja da ordem dos 2.662.500 crianças e que em 1990/91 apenas cerca de 46 % destas era enquadrada no sistema de ensino. Daí, conclui-se com facilidade que cerca de 1.500.000 crianças em idade escolar ficava fora do sistema educativo por diversos motivos.

As projecções demográficas da população para o ano 2000, estimam que esta faixa etária pode aumentar em cerca de 1.000 crianças.³

Se tivermos em consideração que essas referências estatísticas não ilustram a real situação de Angola em matéria de crescimento populacional por falta de um censo geral da população, e se analisarmos cuidadosamente a actual situação de desenvolvimento sócio-económico do país, compreenderemos que o sistema educativo não está à altura de, por si só, responder às necessidades educativas da população.

De um modo geral, o sistema educativo apresenta um quadro bastante sombrio, caracterizado por uma insuficiente rede escolar, um insuficiente corpo docente em quantidade e qualidade,

² Gabinete do Plano do MED. Luanda. 1995

³ Instituto Nacional de estatística. Luanda. 1990.

programas de ensino demasiado exigentes e inadequados, meios de ensino insuficientes, condições de trabalho degradadas e inadequadas para o exercício da actividade docente - educativa que por sua vez nos leva a verificar altas taxas de abandono e repetência e baixas taxas de promoção, tornando o sistema educativo pouco rentável.

Dado o comportamento renovador do Professor, urge a necessidade de identificar e sistematizar em pormenores alguns problemas educativos candentes por forma a agir com vista a ultrapassá-la e sobretudo para recuperar as crianças desamparadas.

2. 1. Identificação dos problemas educativos

É incontestável que os problemas que enfermam o sistema educativo remontem de longa data e pode apontar-se como consequência directa de todo um conjunto de factores resultados da situação política, militar, económica e social que o país vem vivendo nas diferentes etapas históricas desde a independência nacional em 1975.

Se fizermos uma leitura mais atenta da primeira parte do presente guia, compreenderemos com maior facilidade as razões que estão na base dos problemas que pretendemos referir nesta parte. Para além dos já focalizados, convém aqui pontualizar alguns deles :

A Explosão escolar. A explosão escolar é resultado de : o aumento excessivo da população com idade escolar em incongruência à insuficiente rede escolar, devido, entre outros factores, à situação demográfica do país, à situação da guerra, à elevada taxa de analfabetismo, à repetência dos alunos, ao regresso de cidadãos ao país.

O Horário triplo. O horário triplo surge devido ao aumento dos efectivos escolares existentes, à insuficiente rede escolar e ao espírito da democratização do ensino. É também consequência do fenómeno referido anteriormente. Esta situação representa sérios atropelos de várias ordens : incumprimento dos programas escolares, transtornos aos encarregados de educação impossibilitados de organizar a sua vida laboral, falta de solidez nos conhecimentos, super-utilização das salas de aulas, etc.

As Turmas saturadas. A super-lotação das salas de aulas é outra consequência da explosão escolar. Nos diferentes centros escolares do país, o ratio professor - aluno, na maioria dos casos, é de 80 alunos o que provoca um disfuncionamento pedagógico insustentável. Nessas condições, a maioria dos professores não dá aulas e não tem tido um comportamento relacional individualizado. Neste caso, o professor deve recorrer aos métodos activos e às formas extra-escolares intensivas.

O Insucesso escolar. É outro fenómeno pedagógico negativo a combater, consequência e resultado de outros factores em cadeia já mencionados. De cada 1000 alunos que entram na 1ª classe, somente 144 concluem o 1º Nível dos quais 34 alunos transitam sem repetição de classe, 43 alunos com repetição e 65 alunos com 2 ou 3 repetências. Com isso os objectivos pedagógicos não são rigorosamente atingidos. O insucesso escolar massivo como é o nosso caso constitui para a nossa sociedade um problema sério.

O insucesso escolar pode ser originado por motivo de **o professor não saber atender as diferenças individuais e diferenciadas dos seus alunos. O professor deve saber que cada aluno é único e valioso.**

Os motivos do insucesso escolar caracterizam-se em socio-económicos (situação de guerra, desemprego, etc), familiares (casamento precoce, desagregação familiar, etc) e o sistema educacional (material didáctico, programas, bibliografia, cultura avaliativa selectiva, etc).

Eis algumas medidas necessárias para evitar o insucesso escolar :

1. Preparar sempre as suas aulas.
2. Adaptar as aulas à realidade económica, social e cultural dos alunos.
3. Ligar o ensino aos problemas concretos.
4. Colocar os alunos no centro da sua atenção.
5. Fazer participar os alunos.
6. Organizar actividades lectivas colectivas.

7. Prestar maior atenção aos alunos com dificuldades de aprendizagem.
8. Manter contacto frequente com os Encarregados de educação.
9. Cumprir o Calendário e horário escolares.
10. Avaliar constantemente o seu trabalho.

O Corpo docente. A profissão docente não tem sido atractiva nem materialmente motivadora. A maioria dos professores do Ensino Geral não são profissionais. Daí, terem as suas sérias repercussões sobre a escola e a sociedade os problemas pedagógicos, científicos e culturais que eles apresentam. Em suma, o corpo docente actual é pouco motivado, instável e com pouco prestígio social. Contudo, abrem-se novas perspectivas graças ao programa de formação contínua e ao estatuto da carreira docente.

Este quadro é devido à situação cultural, social e económica do país, em geral, e em particular dos professores, que tem contribuído em grande escala para o aumento das taxas de repetência e abandono : dificuldades pedagógicas dos professores, alunos muito preocupados com trabalhos de sobrevivência, péssimas condições pedagógicas das escolas, etc.

Tudo que foi dito até aqui, leva-nos a reflectir pela necessidade de interiorizar os objectivos educativos do ensino geral. Os objectivos do sistema educativo constituem o ponto de chegada de toda a actividade educativa, o que deve servir de referência obrigatória para o desempenho de qualquer actividade docente educativa por parte do professor. É importante fazer referência a esta questão, porque conhecendo os objectivos a alcançar, pode-se direccionar melhor a actividade pedagógica assim como verificar até que ponto se tem cumprido com os mesmos.

2. 2. Ensino geral : que objectivos ?

O subsistema do Ensino geral constitui o fundamento do sistema educativo, pois garante o desenvolvimento integral, global e harmonioso dos alunos, mediante a aquisição de conhecimentos

sólidos e a formação de habilidades e hábitos necessários para a continuação de estudos e/ou a entrada na esfera produtiva. Os objectivos gerais consistem no seguinte :

1. *Proporcionar uma formação integral, global e harmoniosa que permita o desenvolvimento das capacidades intelectuais, físicas e morais;*
2. *Desenvolver os conhecimentos e as capacidades que favoreçam a auto-formação para um saber fazer eficaz, que se adapte às novas exigências;*
3. *Educar a juventude e outras camadas, de forma a adquirir hábitos e atitudes necessários ao desenvolvimento da consciência nacional;*
4. *Estimular na jovem geração e noutras camadas sociais, o amor ao trabalho e potenciá-las para uma actividade laboral socialmente útil e capaz de melhorar as suas condições de vida.*⁴

Esses objectivos realmente abrangentes na sua concepção teórica, devem apresentar-se na consciência dos educadores como a representação ideal dos resultados preconizados para o sistema educativo cuja conquista depende em larga medida da forma como são interiorizados. É importante para todo professor interpretar correctamente o conteúdo que fundamenta cada objectivo. Deve tratar de compreender que o mais importante na formação das novas gerações é proporcionar-lhes uma cultura geral e homogênea que favoreça o estabelecimento de relações humanas aceitáveis.

O Professor deve dirigir as suas influências no sentido de desenvolver ao máximo as potencialidades dos seus alunos por forma a que estes possam responder cabalmente às exigências de cada momento histórico. Os referidos objectivos constituem sem sombras de dúvidas a imagem referenciadora do homem que se pretende como força motriz na reconstrução e desenvolvimento sócio-económico do nosso país. Na realidade, a prática mostra-nos um quadro diferente que, na nossa opinião, muitos esforços devem ser feitos para inverter a triste situação. Para o professor, estes objectivos devem ser traduzidos em objectivos educativos, nas aulas concretas e bem ministradas por forma a permitir a acessibilidade, a pertinência e a eficácia do sistema, tanto interna como externa : a promoção do sucesso escolar. O que significa a recuperação e reabilitação das crianças portadoras de deficiências.

⁴ Lei de Bases do Sistema Educativo. Luanda. MED. 1995

Uma chamada especial é dirigida ao professor, como um dos fundamentais agentes inter-venientes no processo de ensino / aprendizagem, no sentido de preparar-se convenientemente para fazer face a esta situação.

3. Considerações gerais sobre o processo de ensino-aprendizagem

Pretendemos neste capítulo dar algumas indicações no que toca ao processo de ensino-aprendizagem. O processo de ensino-aprendizagem pressupõe *quem ensina e quem aprende (o professor e o aluno)*. O acto de ensinar não significa de maneira nenhuma " despejar a matéria " mas sim *guiar, orientar, direccionar*, etc. Por isso no ensino deve ser considerado tanto o ponto de vista da actividade do professor, o ensinar, como da actividade do aluno, o aprender.

O que é o ensino ?. O ENSINO é o conjunto de acções pedagógicas e psicológicas que criam as condições externas que se destinam *a fornecer informações, a transmitir e produzir conhecimentos, a desenvolver capacidades, a formar hábitos e habilidades*.

O que é a aprendizagem ? A APRENDIZAGEM é o conjunto de acções pedagógicas e psicológicas que criam as condições internas que levam *os alunos a adquirir conhecimentos, a desenvolver capacidades, a formar hábitos e habilidades com o apoio do professor ou por si sós*.

O que é o processo ensino-aprendizagem ? O processo ENSINO-APRENDIZAGEM é o conjunto de acções pedagógicas e psicológicas em que *se articulam as condições externas de transmissão e as condições internas de aquisição de conhecimentos, a formação de hábitos, habilidades e o desenvolvimento de capacidades*.⁵

⁵ Colectivo de Autores.

A Criança em situação difícil. Luanda 1993. MED

Não obstante cada um dos processos de ensino-aprendizagem, *o ensinar e o aprender possuem suas particularidades, ambos formam uma unidade, interagem mutuamente, complementando-se, de modo que um não existe sem outro. O professor só ensina se o aluno aprende e a aprendizagem exige que o aluno participe de forma activa deste processo.*

O aluno não aprende sozinho, ninguém aprende do nada. Vamos ver algumas noções necessárias à realização do processo ensino-aprendizagem.

3. 1. Aspectos técnicos e metodológicos gerais no processo ensino-aprendizagem.

Para que o processo de ensino-aprendizagem tenha êxitos o professor deve :

A) Saber respeitar o seguinte :

- * conhecer os níveis de desenvolvimento físico, cognitivo e socio-afectivo das diferentes etapas de desenvolvimento da criança na norma;
- * dominar cientificamente os conteúdos que vai leccionar;
- * respeitar os ritmos de aprendizagem. É preciso ter em conta as particularidades de cada aluno, pois a aquisição de conhecimentos é individual.
- * considerar o aluno como centro do ensino-aprendizagem,
- * relacionar o conteúdo com a vida;
- etc, .

B) Saber respeitar a estrutura de aprendizagem, ou seja o desenvolvimento do pensamento do aluno. Aprender não é um acto único mas sim uma sucessão de acções incrementais, acumulativas que decorre em diferentes fases

- * conhecimento dos objectivos e tarefas escolares
- * realização de acções concretas
- * operação para solução
- * regulação das actividades escolares, controlo e auto-controlo
- * análise dos resultados ou avaliação

Considerar sempre que se deve aproveitar ao máximo a linguagem, o pensamento e a atenção voluntária desenvolvida no seu meio social, pois primeiro a criança realiza a sua aprendizagem a partir das relações entre pessoas (inter-pessoais). Depois ao longo do tempo e de maneira activa a criança transforma essas experiências inter-pessoais em vivência intrapessoal.

O professor tem uma função essencial que é a de motivar e dirigir a aprendizagem dos alunos. Para tal, é preciso que o professor organize o seu trabalho.

3. 2. Professor como organizador do trabalho docente-educativo

Para desenvolver a sua tarefa de modo organizado o professor deve :

- * planificar o trabalho docente
- * seleccionar formas de organização
- * seleccionar o conteúdo a ensinar
- * escolher as estratégias adequadas
- * executar o que organizou
- * avaliar os resultados

Como se pode verificar, a planificação, a execução e a avaliação são acções interligadas facilitadoras do trabalho docente-educativo.

3. 2. 1. Planificação didáctica no processo de ensino / aprendizagem

A aula é a forma de organização principal de ensino-aprendizagem. Todo professor tem grande vantagem de projectar a sua obra antes de executar a sua construção. Por isso para que o processo possa alcançar os objectivos que se pretende é preciso que cada aula seja planificada. Planificar pressupõe prever o modo como vai ser desenvolvida a aula.

Para tal o professor deve responder as seguintes perguntas :

1. **Para quem é que está organizar a aula ? (alunos)**

2. **Para quê** realizar esta aula ? (**objectivos**)
3. **Que assunto** se verá nesta aula ? (**conteúdo**)
4. **Como é** que se vai realizar esta aula ? (**métodos e formas de ensino**)
5. **Como é que** se vai realizar esta aula ? (**material didáctico**)
6. **Quanto tempo** se vai gastar ? (**duração da aula**)
7. **Em que medida** serão alcançados os objectivos ? (**avaliação**)

Para realizar a sua planificação o professor deve conhecer três instrumentos fundamentais a saber : o programa de ensino, o manual e o guia e respeitar as metas estabelecidas para cada nível de ensino e para cada classe.

A planificação significa previsão de acção, selecção dos aspectos fundamentais de forma a não correr o risco de improvisar, e se perder em pormenores.

Neste caso a nossa planificação deve obedecer às certas qualidades tais como :

1. **coerência** : deve haver relação entre objectivos, conteúdo e estratégias preconizadas.
2. **adequação** : deve estar baseada no conhecimento da realidade cognitiva, afectiva, e social do aluno.
3. **flexibilidade** : fazer alterações de acordo com os interesses e necessidades do momento.

Resumindo, o professor para planificar a sua aula deve estar em condições de reflectir claramente sobre os seguintes aspectos :

- * assunto da aula
- * tipo da aula (nova, de consolidação, etc.)
- * matéria a ser tratada (procurar documentar-se)
- * tempo da aula (um tempo lectivo, dois tempos lectivos seguidos, etc)
- * objectivos comportamentais (o que os alunos devem saber no fim da aula)
- * estratégias a empregar
- * fases da aula (introdução, desenvolvimento, conclusão e avaliação)

Vamos ver agora como executar o plano de aula.

3. 2. 2 A execução do processo de ensino / aprendizagem.

A execução da aula significa a concretização da mesma na prática. A aula tem três fases fundamentais a saber : *introdução ou motivação, desenvolvimento e verificação*.

a) Introdução ou Motivação.

Esta fase consiste em criar condições propícias ou favoráveis ao desenvolvimento de aula. A forma de o fazer depende muito da matéria de estudo, do tipo de aula, dos objectivos que se pretende, etc. Contrariamente à introdução, *a motivação é constante em todas as fases de aula. Um aluno motivado é aquele se aplica e se esforça no trabalho e se sente satisfeito. Trata-se de um estado psicológico que ocorre no aluno e que lhe dá vontade de compreender, de aprender. Um aluno motiva-se mais quando aprende coisas que têm para ele um significado*. De um modo geral trata-se de :

- * contextualizar ou situar o aluno dos objectivos que se pretende atingir
- * despertar o interesse pelo desenvolvimento das tarefas
- * levar o aluno a querer aprender
- * pôr cada aluno a vontade

b) Desenvolvimento.

Constitui a fase onde o professor empregando os métodos, formas , procedimentos e meios de ensino necessários, leva os alunos a produzir conhecimentos por forma a facilitar a aquisição dos mesmos, a formação de competências e habilidades. Esta fase é a maior. Deve ser bem cuidada e estudada, recorrendo às diferentes regras didácticas : do conhecido ao desconhecido, do mais simples ao complexo, da indução à dedução e vice-versa, etc.

c) Verificação

Esta fase dedica-se à **sistematização e consolidação** dos conhecimentos de forma a levar os alunos a reflectir e dar-lhes mais segurança. Esta fase serve também para tirar **conclusões importantes**. A participação individual ou colectiva é muito importante.

3. 2. 3. Avaliação no processo de ensino / aprendizagem.

Qualquer actividade humana requer *verificação, controlo, avaliação* por forma a medir o alcance das metas previamente preconizadas. A avaliação não significa " rotular " o aluno. A avaliação é um processo dinâmico, contínuo e sistemático que decorre ao longo do acto educativo. Erradamente, o professor encara a avaliação como um processo apenas de classificar os alunos no fim do trimestre ou semestre. Se o acto de classificar é parte integrante do processo avaliativo, o acto de avaliar é muito mais de que isso. A avaliação pode mostrar ao professor a adequação ou não de uma planificação, a justeza ou não de uma planificação.

Distinguem-se duas formas de avaliação : formativa e sumativa. A avaliação formativa fornece ao professor e ao aluno um conjunto de dados relacionados com progresso ou fracasso dos alunos. A avaliação sumativa consiste em determinar o balanço do aproveitamento dos alunos e classificar os resultados obtidos na aprendizagem.

A finalidade de avaliação é :

- * detectar o nível inicial dos alunos por forma a adequar a planificação
- * receber indicações sobre tipo de dificuldades dos alunos por forma a determinar as actividades necessárias do professor e dos alunos que permitam a ultrapassar as dificuldades.
- * fazer um balanço no fim para determinar as metas antigidas.

Para avaliar objectivamente os alunos o professor deve seguir certas regras :

- Cada aluno *é único e valioso*. Cada aluno tem seus aspectos fortes e fracos. O professor deve aproveitar os aspectos fortes para quebrar paulatinamente os fracos. Significa que o professor deve evitar a cultura avaliativa selectiva que consiste em se orgulhar a rotular os alunos e mostrar a sua superioridade.

- Avaliar o progresso dos alunos de modo *informal e contínuo*. O professor deve aproveitar todas as informações formais ou informais que recebe sobre os alunos em todas as circunstâncias dentro e fora da escola.

- *Encorajar* os alunos portadores de deficiências sem para isso criar neles um sentimento de inferioridade.

- Avaliar *sem subjectivismo*

- etc.

4. Reflexões sobre a criança em situação difícil

Esta expressão "Crianças em situação difícil" engloba uma série de crianças com dificuldades de aprendizagem ou de adaptação na escola causadas, tal como referimos na introdução, **por conflitos armados, por conflitos sociais, por dificuldades familiares, por dificuldades económicas ou por outras.**

Estando o futuro da Nação nas mãos das crianças, as forças vivas do país são forçadas moral e politicamente a dar a sua melhor atenção às crianças em geral, e em particular às crianças em situação difícil. Neste momento que pensamos reconstruir a República de Angola de mãos dadas e prevendo a responsabilidade que cabe a elas no futuro desenvolvimento do país, as crianças merecem protecção e assistência pelas suas famílias, pelas escolas e por outras instituições sociais e políticas do país.

Os factores que vitimam as crianças em situação difícil podem estar em **três grupos fundamentais :**

*** a guerra e as suas consequências :** raptos dos familiares, destruição de casas, deslocações forçadas, fome, miséria, etc.

*** a crise económica e suas consequências :** inflação, desemprego, delinquência, roubos, etc.

*** os problemas familiares e suas consequências :** degradação dos valores, separação dos familiares, abandonos escolares, homicídios, etc.

4. 1. Diagnóstico - Que crianças tem a nossa Sociedade ?

Referimos anteriormente que o nosso país tem 1,5 milhões de crianças a viverem em condições extremamente difíceis. Dentre elas, para além de crianças com dificuldades sensoriais e motoras, distinguem-se :

*** crianças orfãs e abandonadas :** são crianças sem famílias e sem ligação com outras pessoas significativas (parentes, amigos, membros do seu grupo sócio-cultural, etc.).

*** crianças deslocadas de guerra :** desamparadas, estão concentradas nos campos improvisados para o efeito em certas sedes das províncias.

*** crianças afectadas por experiências traumatizantes de guerra :** existe un número incontável de crianças afectadas por mutilações físicas e com consequentes manifestações psíquicas.

* *crianças rejeitadas pela escola* : não podendo adaptar o ensino às crianças as escolas rejeitam-nas e colocam-nas fora do sistema escolar engrandecendo assim o número de crianças de rua e na rua. Elas enfrentam-se com conhecimentos e tarefas estranhas aos seus costumes e tradições. Esta diferença não implica que elas sejam incapazes de aprender, mas sim o grande problema reside no facto da escola não estar preparada para atender devidamente a diversidade cultural das mesmas.

Muitas dessas crianças sofrem alterações significativas no seu comportamento porque para além do já referido viram-se forçadas a vivenciar situações dramáticas como por exemplo a destruição das suas casas, bens e famílias, sofrem efeitos da fome e nudez.

As consequências desta difícil situação manifestam-se nelas de forma marcante, levando-as a assumir determinados comportamentos incompatíveis às normas sociais vigentes.

Algumas manifestam carência afectiva e falta de segurança o que se deve ao facto de que sendo deslocadas, abandonadas, sem familiares, podem ter perdido as estruturas da vida familiar e comunitária que lhes dão protecção. Por exemplo muitas delas que vivem em Luanda são provenientes de aldeias, das províncias, cujas casas foram destruídas e assistiram muitas mortes. Ainda pensam muito no sofrimento passado, têm medo e também muitas dificuldades no estudo.

Entretanto, na escola, elas necessitam ser apoiadas de diferente maneira : trabalho em grupo, conversa constante, papel de chefia, carinho, compreensão, etc. Os adultos preocupados com a sua própria situação faz com que a criança não receba a atenção e cuidados necessários. O comportamento da criança torna-se mais crítico com os maus tratos e castigos corporais.

A criança sem apoio, sente-se abandonada, marginalizada pela sociedade devido às dificuldades já mencionadas.

A interrupção da vida normal manifesta-se com a interrupção da aprendizagem das regras sociais quando a família é forçada a deslocar-se da sua região impossibilitando a educação familiar.

As crianças que por motivo de guerra foram obrigadas a interromper várias vezes os seus estudos, quando os retomam, têm sempre que começar de novo; as interrupções da vida escolar, fazem com que as experiências ganhas através do ensino não sejam regulares, impossibilitando a assimilação de novas experiências.

As responsabilidades inadequadas à idade fazem-se sentir porque muitas vezes, a situação de guerra ou outras situações difíceis, impõem responsabilidades pesadas às crianças. Por

exemplo quando uma criança depois da morte dos seus pais teve de cuidar dos seus três irmãos mais novos. A criança perde a sua infância e assume as responsabilidades de um adulto, mesmo sem estar preparada para o efeito.

A situação de **violência, perdas e miséria** estão estreitamente relacionadas originando nas crianças, reacções psicológicas tais como :

* **a revolta** surge como resposta contra o que afecta a criança. Esta revolta manifesta-se geralmente com sentimentos de vingança, pretendendo fazer o mesmo que fizeram aos seus familiares mais queridos. Este é o caso de muitas crianças que só pensam na vingança, por terem visto seus pais e familiares morrerem barbaramente assassinados.

* **O medo** existe em relação à expectativa do que pode acontecer. Está ligado a segurança pessoal e varia de acordo com a intensidade das experiências de guerra de que a criança viveu. Normalmente a criança sente-se insegura, assusta-se quando ouve um tiro ou qualquer outro estímulo que lhe lembre experiências de violência.

* Em alguns casos o medo assume propriedades irracionais e compulsivas denominando-se **FOBIAS**. Por exemplo uma criança assistiu a morte dos seus pais em um espaço pequeno e fechado. Na mente desta criança tal espaço pode associar-se com a dor e ela pode tornar-se *claustrofóbica*, isto é temer de espaços fechados. Virtualmente todas as áreas fechadas que a criança possa encontrar depois do incidente produzem um medo intenso e em consequência, ela evitará tais espaços.

* **A tristeza** é o estado em que a criança fica, pelas perdas que aconteceram eventualmente na família. Por exemplo, muitas crianças perderam os seus pais nos ataques. Elas *não falam, não choram e não sorriem*.

Como consequência das reacções descritas atrás é frequente verificar em muitas crianças que foram directamente afectadas por experiências traumatizantes determinados comportamentos tais como : *a falta de energia, de apetite, de concentração e de interesse, de confiança nos outros e em si própria, etc.* Todos estes comportamentos variam dependendo da situação da criança, quando estão separadas dos familiares, ou testemunharam a sua morte reagem mais passiva ou violentamente.

Também temos a referenciar um outro grupo de crianças que dada a *carência afectiva e amparo sócio-familiar*, enveredam por práticas nocivas à saúde tais como o uso de drogas e outras substâncias químicas, o uso da liamba ou diamba, o cheiro à gosolina, etc. Elas pensam erradamente

que o uso destas substâncias ajuda a minimizar o seu sofrimento, dá-lhes coragem para enfrentar a vida e encontrar soluções de sobrevivência.

Caro professor, como pode aperceber-se, há uma variedade de comportamentos que caracterizam as crianças em situação difícil, cuja recuperação e integração constitui hoje uma tarefa urgente que deve merecer de nossa parte e da comunidade em geral preocupação primária. A escola como instituição social deve abrir as suas portas e facilitar a sua readaptação. A atenção à criança em situação difícil tem como objectivo a recuperação e integração delas nas famílias, nas creches, nas escolas e na comunidade.

A organização escolar e uma boa relação professor-aluno são fundamentais para a reabilitação das crianças. Por isso os professores devem realizar actividades expressivas tais como a *modelagem, desenho, pintura, actividades culturais, recreativas, encontros com as famílias*, pois estas ajudam a reintegração da criança em situação difícil no seu grupo e na comunidade.

Por isso a escola desempenha um papel fundamental na integração da criança no seu ambiente. A integração da criança na escola começa com a sua inclusão na turma, nos jogos com as outras crianças da escola. Neste momento, mais do que nunca ela necessita da atenção especial do professor.

O professor deve prestar maior atenção às crianças que têm maiores dificuldades na leitura, na escrita, nos contos, nas canções etc; valorizar o trabalho por elas desenvolvido, estimulando sempre os mais deficientes; dar-lhes responsabilidades e tarefas para realizar, etc.

Isto permitirá que as crianças ganhem novamente confiança nos outros, não se sintam marginalizados e pouco a pouco se enquadrem na escola, na família e na comunidade.

4. 2. Problemática do ensino especial

Estimado professor, em qualquer parte do mundo, as deficiências sempre foram motivo de preocupação. Em muitos países chegou-se mesmo a praticar atitudes negativas contra os deficientes. Ao longo dos anos, operaram-se várias mudanças sociais e culturais que facilitam a aceitação e integração paulatina dos deficientes na sociedade, embora ainda com algumas reservas.

O ensino especial em Angola destina-se aos alunos com necessidades educativas especiais para superar os seus problemas de aprendizagem, prevenir o surgimento de mais casos, corrigir e compensar os defeitos e prepará-los para a vida.

A experiência demonstrou que muitas dificuldades de aprendizagem não se devem especificamente às deficiências sensoriais, motoras, mentais ou aos distúrbios emocionais dos alunos,

mas sim da conjuntura de problemas e limitações próprias surgidas na sala de aulas ou no próprio sistema educativo. Por exemplo, por motivos de o professor não saber atender as diferenças individuais dos seus alunos durante as aulas, entre outras limitações, pode causar-se insucesso escolar.

Este pormenor importante que ilustra as diversas causas que originam o grande contingente de alunos rotulados como "deficientes" permitiu mudar o termo "alunos deficientes" para "alunos com necessidades educativas especiais". Neste caso, o objecto de trabalho do ensino especial passou a ser todas as crianças e jovens com "necessidades educativas especiais".

Os serviços de educação especial ainda são limitados. Abrangem somente um número reduzido de crianças, facto que se justifica pela falta de condições financeiras, materiais e humanas. Muitas crianças que necessitam de educação especial foram identificadas em certas províncias do país ao longo dos anos, mas devido a falta de professores capacitados, de material e de infra-estruturas físicas, não foi possível realizar qualquer serviço para elas.

A situação tornou-se ainda mais complexa porque o modelo de funcionamento de Ensino Especial advogava por um sistema de instituições próprias para este tipo de crianças, segregando desta maneira umas crianças das outras, e criando "mundos" à parte de crianças atendendo as suas deficiências. Devido a esta situação, muitas crianças em situação difícil ficam em casa sem receber qualquer instrução. Outras frequentam as aulas normais das escolas regulares onde, em qualquer momento são postas à parte, abandonadas, porque o professor carece de preparação específica para atendê-las.

Durante estes anos, se por um lado, as condições do país dificultaram a atenção às crianças com necessidades educativas especiais, por outro lado a situação de guerra tornou difícil a realização de tarefas primárias, como a implementação do ensino em vários pontos do país onde muitas crianças precisam de atenção especial. A situação tornou-se ainda mais complexa porque o Ministério de Educação definiu um modelo de funcionamento baseado num sistema de instituições próprias para este tipo de crianças. Para além de constituir um esquema segregacionista, separando as crianças umas das outras pela simples razão do factor "deficiência", esse modelo encontrou dificuldades na sua implementação massiva por problemas financeiros, materiais e humanos indispensáveis a criação de uma escola especial.

O Ensino Especial ajuda a resolver os diversos problemas das crianças e jovens com "necessidades educativas especiais". Não obstante o grande papel desempenhado pelo Ensino especial em Angola durante esses longos anos, devemos aceitar que também tem as suas limitações, aliás, que duma maneira geral foram constatadas em quase todos os países que conceberam o ensino

especial como um sistema a parte, cujo desenvolvimento requeria a construção de estruturas físicas próprias e específicas para crianças em situação difícil.

Neste momento que o Governo realiza acções para promover uma educação para todos e considerando o grande número de crianças com "necessidades educativas especiais" nesta fase pós-guerra, e com as poucas condições financeiras e materiais, não devemos continuar a criar "micro-mundos" entre pessoas, segregando-as por grupos e em instituições específicas, salvo àquelas que pela gravidade do seu defeito (deficiências profundas) têm de ser atendidas em instituições especiais.

Isto requer *uma mudança significativa na atitude dos professores, dos alunos e da sociedade em geral para em primeira instancia "aceitar" e "restituir" os alunos portadores de necessidades educativas especiais para a escola regular. Em segunda instância preparar-se com recursos e conhecimentos específicos para adaptar todo sistema educativo a esta realidade.*

4. 3. Integração da Criança

A integração da criança portadora de necessidades educativas especiais, deve entender-se como uma atitude positiva da humanidade ante a problemática das deficiências. Isto vai confirmando a evolução paulatina da humanidade, em consequência de importantes reflexões e tomadas de consciência a favor dos direitos mais elementares das pessoas com necessidades educativas especiais.

A tendência na política social durante as duas ultimas décadas tem sido fomentar a integração e lutar contra a *segregação*, pois a integração forma parte essencial da dignidade e do exercício dos direitos humanos, cuja declaração proclama entre outros, o direito que cada criança tem de receber educação, questão que aparece confirmada na Declaração saída da Conferência Mundial sobre educação para todos, realizada em Jomtien em 1990, em que se acentuou a necessidade da escola *abrir-se a todas as crianças*, independentemente do sexo, condição social ou deficiência de qualquer tipo. Ainda em 1993, a Assembleia Geral das Nações Unidas adopta uma resolução sobre *"igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência"* e finalmente a Conferência Mundial sobre necessidades educativas especiais, celebrada em Salamanca(Espanha) de 7 a 10 de Junho de 1994, adopta o marco de acção sobre necessidades educativas especiais, cujo princípio reitor recomenda a que as *escolas deiam cobertura a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou de outro tipo(crianças com deficiências, crianças super-doptadas, crianças desfavorecidas, de rua e na rua, etc.) sem distinção de raças, diferenças étnicas ou culturais.*

É precisamente com base neste princípio e porque há cada vez maior consenso de que *as crianças com necessidades educativas especiais estejam inseridas nas escolas de Ensino Geral, que surge e se fundamenta do conceito de escola inclusiva*. O mérito das escolas inclusivas não se confina apenas na capacidade de prestar educação de qualidade a todas as crianças. É acima de tudo um importante passo para uma viragem, colocando de parte as atitudes discriminatórias e passando para a consolidação de comunidades que acolham a todos a edificação de sociedades integracionistas.

Como pode compreender, a integração escolar das crianças com necessidades educativas especiais *visa fundamentalmente a criação de condições que favoreçam a sua inserção em escolas "normais" ou ditas regulares, encontrando os melhores métodos e procedimentos para que elas aprendam com êxitos em conjunto com as crianças sem problemas*.

Este princípio reitor das escolas integracionistas interpreta-se na base de que a escola *deve adaptar-se às características individuais das crianças e não as crianças adaptarem-se às particularidades da escola. Ela deve identificar e responder as diferentes necessidades das crianças, adaptar-se aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem dos alunos, garantindo um ensino de qualidade para todos, mediante um programa de estudo adequado e a utilização de meios e recursos necessários e o estabelecimento de projectos funcionais de colaboração com as comunidades locais, pais e encarregados de educação*.

Este processo de integração reveste-se de grande importância na medida em que permite a mudança de atitudes negativas que ao longo dos anos foram se forjando na consciência das pessoas, contra os "deficientes"; permite fomentar a *solidariedade* entre as crianças com necessidades educativas especiais e os seus colegas; permite uma utilização mais *racional* de recursos uma vez que a intenção será de concentrá-los numa única escola para todos. Por outra parte o sistema de escolas especiais supõe em princípio uma menor abrangência porque normalmente não é possível instalar escolas em todas ou quase todas as zonas onde se identificam crianças com necessidades educativas especiais, e por sua vez nem sempre conseguem frequentá-las devido as elevadas distâncias de suas casas às mesmas.

A integração reveste ainda grande importância para as crianças porque permite maior *inter-acção criança-criança*; viabiliza a troca de *experiências e vivências* e um *desenvolvimento equilibrado* das suas potencialidades, pois utiliza as demais crianças como *elementos referenciadores para a execução das suas tarefas*.

Com base nessas ideias, o processo de integração torna-se ainda mais importante e necessário num país como Angola que a situação social e económica encontra-se degradada, a condição de vida das populações, os seus valores morais e culturais completamente desajustados e onde a

unidade nacional e a reconciliação apontam-se como premissas para a sua completa reconstrução. Em qualquer processo de desenvolvimento nacional é importante considerar o nível de educação do seu povo. Assim, desenvolver *estratégias* que permitam *garantir a educação para todos* é uma tarefa prioritária e a integração escolar vislumbra-se como uma das vias para atingir esse objectivo.

A integração deve *abranger todas as crianças*, excepto aquelas cujos casos são de natureza que exija atenção em instituições especiais ou por uma questão de preservar a sua saúde.

A integração deve basear-se no princípio que defende a *intervenção precoce* na atenção de crianças com necessidades educativas especiais. Esta integração deve cumprir-se *gradualmente* à medida que se forem criando as condições, já que não há condições para uma educação pré-escolar generalizada nem condições favoráveis para uma completa intervenção precoce ao nível das famílias.

No caso das crianças em idade escolar as condições mostram-se mais promissoras. Entretanto, deve levar-se a cabo de forma devidamente *planificada e bem organizada* por forma a evitar fracassos. O cumprimento das fases da integração e o asseguramento da *formação profissional dos professores* são fundamentais, assim como a *vinculação e o envolvimento de todas as forças vivas da sociedade que direta ou indirectamente lidam com as crianças com necessidades educativas especiais*.

O professor ao observar atentamente os seus alunos poderá ver que nenhum é igual ao outro. Uns aprendem mais rapidamente, outros mais lentamente, alguns com melhores resultados em certas disciplinas e piores em outras, entre outras diferenças que se constata na sala de aulas. Tudo isso demonstra a própria *variedade humana* que a escola como instituição social deve compreender para *aceitar e atender* as diferenças. Em certas condições de ensino podem surgir muitas dificuldades de aprendizagem sem que necessariamente esteja em causa o aluno.

A integração das crianças com necessidades educativas especiais tem como objectivo dar uma viragem de regresso aos alunos que foram considerados "deficientes" nas escolas regulares, por diversos factores anteriormente mencionados. Para tal efeito o sistema educativo em geral e em particular os professores devem aceitar a variedade humana e considerar os alunos com necessidades educativas especiais como seres humanos que possuem capacidades individuais de aprendizagem.

Teremos de aceitar dentro desta visão que quase todas as crianças traumatizadas, deficientes sensoriais ou em situação difícil podem ser educadas, instruídas nas escolas ditas normais e adquirirão profissões por forma a serem úteis na sociedade como qualquer outro ser humano, excepto uma percentagem reduzida de casos muito complexos ou profundos de crianças que devem ser atendidas em escolas especiais.

Neste momento que pretendemos reconstruir o sistema educativo de mãos dadas e atendendo o elevado número deste grupo de crianças em situação difícil, consideramos que as escolas regulares do Ensino de Base ou Geral não devem continuar a rejeitar aquele grupo de crianças, mas sim pelo contrário *aceitá-lo. Achamos que a escola onde todas as crianças aprendem é o melhor lugar para educar, corrigir ou compensar as alterações das outras.*

Essa mudança visa abrir e criar espaços e oportunidades para que as crianças com necessidades educativas especiais possam participar, viver, conservar e criar a cultura humana.

A integração das crianças com necessidades educativas especiais constitui uma necessidade sob responsabilidade de todas as componentes da Sociedade Angolana (*Ministérios da Educação, da Saúde, da Cultura, da Administração e Reinserção Social, Igrejas, Organizações governamentais e não-governamentais nacionais ou internacionais, etc.*), pois toda sociedade deve desenvolver esforços para uma mudança de actividade que favoreça o convívio entre as pessoas.

Havendo uma verdadeira mudança de atitude por parte da sociedade, as crianças não só terão acesso a educação, mas sim a sua inserção social e familiar permitirá maiores possibilidades de prepararem-se para a vida e conseqüentemente adquirirem uma profissão e um emprego seguro..

A necessidade de integração das crianças com necessidades educativas especiais leva-nos a adopção de *escolas inclusivas* que defendem o critério de abrir as suas portas e permitir a entrada de todas as crianças sem excepção, pois elas são iguais como crianças e devem aprender juntas sempre que possível. *Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as várias necessidades de seus alunos adaptando-se as dificuldades de cada uma por forma a garantir a educação para todos.*

Não é possível realizar a integração sem criar as condições que facilitam a sua aplicação. *Estas condições vão desde a sensibilização da Sociedade, a formação dos professores, aos apoios material e técnico específico às escolas de Ensino Geral.*

Os professores devem ser preparados suficientemente por forma a :

- * possuir uma preparação psicológica específica
- * detectar as crianças com necessidades educativas especiais
- * realizar diagnósticos psico-pedagógicos
- * organizar um ensino individualizado
- * adaptar o currículo à realidade concreta da turma e dos alunos
- * possuir nova postura avaliativa dos alunos

Depois deste percurso feito até aqui, estamos em condições de tentar um cenário em termos de sugestão ao processo de educação integrada. Existem duas vias principais :

a) crianças com necessidades educativas especiais já identificadas que se encontram numa escola de educação especial para a sua preparação e, posteriormente passam para a escola de Ensino Geral por não terem deficiências graves.

b) crianças identificadas e diagnosticadas que integram directamente a escola do Ensino Geral onde as condições apropriadas estão criadas para a sua recepção(professor preparado, turma reduzida, sala de apoio apetrechada com equipamento e meios necessários onde podem realizar trabalhos educativos complementares depois de saírem da turma mixta, etc.).

Para concretizar a educação integrada a partir da via(b), é preciso uma planificação do trabalho da maneira que segue :

1. **Definir** os Agentes e Estruturas de intervenção neste processo(pais e ou encarregados de educação, brigadas de mães, Associação de Professores Angolanos, Igreja, Delegações da Educação, Saúde, Cultura, Agricultura, Administração e Emprego e Segurança Social, Administração e Reinserção Social, ONG'S, etc.

2. **Definir** a estratégia de intervenção que passa por :

- a) sensibilizar a Comunidade
- b) sensibilizar os Directores das Escolas
- c) seleccionar as Escolas de acolhimento
- d) formar os Animadores e Professores
- e) distribuir os Animadores
- f) determinar as zonas geográficas d'acção
- g) fazer levantamento e identificar as crianças
- h) encaminhar as crianças para as Escolas de Ensino Geral
- i) avaliar permanentemente o processo

3. **Criar um Centro Nacional de Recursos** que terá como função principal a aquisição e produção de meios de ensino e a planificação de cursos, seminários, ateliers no sentido de formar sistematicamente os Agentes envolvidos neste processo.

Contudo, muitas questões tais como programas e metodologia de ensino, formas de avaliação, etc., serão objecto de tratamento do Guia a ser elaborado posteriormente.

A implementação da integração permite a racionalização de economias na medida que favorece a concentração dos recursos nas escolas do Ensino Geral em vez de dispersá-los em escolas separadas. Deste modo, as escolas do Ensino Geral poderão ser apoiadas com recursos específicos e didáticos que facilitam a aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais para evitar a interrupção do processo.

O processo de integração tem uma importância capital e indiscutível, porquanto :

* *do ponto de vista político* a garantia do acesso de todas as crianças do país a educação traduz um princípio constitucional;

* *do ponto de vista económico* as crianças escolarizadas constituem uma força produtiva qualificada inegável;

* *do ponto de vista social* é imperioso que se evite a marginalização e a exclusão de uma camada social da sociedade que pode ter uma repercussão negativa incalculável;

* *do ponto de vista psicológico* a integração de todas as crianças é uma forma de reabilitá-las, de permitir-lhes descobrir os " outros " , descobrir seus pontos fortes e fracos, e de dar confiança e auto-confiança;

* *do ponto de vista humano* este processo permita a aceitação das diferenças quer a nível cultural, étnico, linguístico, social, etc.

4. 3. 1. Papel da Família

A integração *sócio-profissional* do indivíduo é uma necessidade que deve consubstanciar-se na sociedade. É um processo que começa e assenta as suas bases desde os *primeiros momentos de vida da criança*. Sendo a Família a célula básica da sociedade humana, possui um lugar de destaque neste processo. Daí que a mudança de atitudes que se pretende a nível da sociedade, deve iniciar no seio da família, pois as crianças com deficiências, nascem em determinadas famílias, rodeadas por outras crianças sem deficiência, onde a medida que vão se desenvolvendo, vão *assimilando* os *costumes, hábitos e tradições* que posteriormente manifestam as suas influências nos rasgos da sua personalidade. Este facto valoriza muito mais o papel da família no processo de integração. Ela deve assumir uma *atitude positiva* com respeito ao problema dos filhos portadores de deficiência. Devem preocupar-se cada vez mais com o problema dos filhos, procurando maior *colaboração* com a *escola* para nutrir-se de conhecimentos sobre a educação de seus filhos; Os pais e encarregados de educação devem procurar organizar-se em *associações* ou *comissões de pais* ou de vizinhos a favor das crianças portadores de necessidades educativas especiais contribuindo desta forma mais e melhor na promoção de *igualdade de oportunidades* para estas crianças.

Em casa os familiares devem fazer com que reine um *ambiente tranquilo*, de *concordia e compreensão* aos problemas da criança, garantindo-lhe o carinho e conforto, evitando o *protecio-*

nismo e o rechaço. É importante para a criança, sentir esse ambiente, pois transmite-lhe calor e segurança, e sente-se cada vez mais compenetrada no seio familiar e livre de participar nas actividades inclusive com as crianças vizinhas.

A Família não deve *reprimir* a criança portadora de necessidades educativas especiais. Não deve fazer *comparações* em casa com outras crianças que possam *inibi-la, inferiorizá-la*, etc. A Família deve participar nas reuniões pedagógicas convocadas pela escola e procurar participar activamente no sentido de coordenar as actividades entre a escola e os Encarregados de educação.

4. 3. 2. Papel da Escola

Neste processo de integração escolar das crianças, a escola joga um papel fundamental. Cabe a ela, *assegurar* a educação da criança, preparando-a melhor para encarar a vida quotidiana.

Para isso a escola precisa preparar-se devidamente para responder as necessidades pedagógicas que os alunos possam apresentar. A escola deve procurar " revolucionar " a pedagogia por forma a que esta beneficie todas crianças, delineando formas de *aprendizagem flexiveis* a todas as sensibilidades escolarizáveis. Uma pedagogia que *reduza* os índices de fracassos escolares e repetências e *promova* o sucesso escolar das crianças. Deve tratar-se de uma pedagogia inteiramente *voltada para a criança*, que garanta a tão desejada *qualidade* de ensino e *evite* o desperdício de recursos. Da mesma forma a escola deve assumir-se cada vez *mais escola*, voltando-se mais *para a criança*, pois ela sub-entende-se desde logo como a base para a construção de uma sociedade *voltada para as pessoas*, que *respeite* tanto a *dignidade* como às *diferenças* de todos os seres humanos.

A escola deve ajudar a preparar a sociedade sobre a *compreensão* e *convívio* com as pessoas portadoras de deficiências, *divulgando informações* sobre as deficiências reais, as suas *causas*, formas de *prevenção*, sobre as possíveis *ocupações* e *profissões* que as pessoas portadoras de deficiências podem exercer.

Através de encontros regulares com os familiares e encarregados de educação dos deficientes, deve *incentivar* e *fomentar* o surgimento de *associações* e *clubes* a favor dos impedidos, advogando pela tomada de actividades positivas assim como lutando pela conquista de mudanças nas estruturas dos edificios para melhor acesso e utilização de todos.

Deve tratar de *organizar* os pais, encarregados de educação e familiares para que sejam os *continuadores* da actividade da escola com seus filhos em casa. Eles poderão assistir actividades *demonstrativas* na escola, saber como devem organizar actividades extra-escolares. Assim os pais

também podem falar sobre os *hábitos, gostos e interesses* de seus filhos e receberem *conselhos* que os assegurem convincentemente sobre as possíveis profissões para os seus filhos em função das suas incapacidades.

No processo de integração da criança portadora de necessidades educativas especiais, a preparação desta para a vida é uma das tarefas fundamentais que deve ser assumida com muita *responsabilidade* por parte da escola, com o *apoio directo* dos pais, encarregados de educação e comunidade em geral.

É necessário ajudar os jovens com necessidades educativas especiais a encontrarem as formas e opções que lhes garantam uma *vida activa e autónoma* economicamente. Durante o tempo de escolarização, a escola deve *direccionar* as suas influências pedagógicas no sentido de organizar a vida dos alunos de maneira a iniciarem a *conciliar a teoria e a prática* permitindo assim uma *ótima transição* da vida *escolar* à vida *adulta*, onde o jovem terá a oportunidade de assumir pela primeira vez *responsabilidades laborais*.

Isto exige da escola a aplicação de um programa curricular adequado, que permita desenvolver *habilidades funcionais* que respondam as demandas sociais, criando condições *apropriadas e flexíveis* ao tipo de incapacidade de cada criança. São necessárias pequenas *oficinas* nas escolas, para que as crianças tenham a possibilidade de *conhecer e manejar* as ferramentas e materiais e desenvolvam habilidades laborais através de *Formação Manual e Politécnica, Educação visual e plástica bem como a Educação Musical*. Essas disciplinas fornecem os conhecimentos necessários e permitem desenvolver nos alunos a *destreza manual, o gosto ao belo, o amor ao trabalho, o cuidado e higiene dos postos de trabalho bem como o respeito aos trabalhadores*.

Nas oficinas os alunos devem ser *orientados e acompanhados* por um professor competente conhecedor das técnicas profissionais de que a respectiva oficina está vocacionada e deve ser coadjuvado por um professor especializado em dependência do tipo de deficiências das crianças que a frequentam. Este trabalho realizado na escola e pela escola, deve merecer o apoio dos pais e encarregados de educação, tanto na *orientação e vocação profissional* dos filhos como no apoio à escola em termos de certos materiais ou ferramentas em falta.

A Comunidade também deve ajudar através da criação de espaços ou locais para exercício de habilidades ou a prática profissional, tais como pequenos *clubes* onde se realizem trabalhos de *artesanato, cestaria, cerâmica, música, dança, etc.*

Podem por outro lado ajudar os jovens que possuem habilidades profissionais, mas que não têm recursos para pô-las em prática.

Fora dos marcos da escola, é possível fazer-se mais coisas. Pode-se encontrar uma pessoa que tenha uma pequena *oficina particular* e que aceite *encarregar-se* de ensinar a sua profissão aos alunos com deficiências. Contactos semelhantes podem e devem incentivar-se para minimizar as carências de oficinas que as escolas apresentam. *A Sociedade* deve estar educada no sentido de abrir espaços para que isso seja possível. Através das *Associações* e *Comissões* de pais torna-se mais fácil fazer contactos com *oficinas* e *pequenas empresas* situadas ao redor da escola ou próximo das zonas de residência das crianças, para o seu enquadramento e possível aprendizagem de uma profissão ou ocupação laboral

4. 3. 3. Papel da Sociedade

Para se antigir uma educação com sucessos para as crianças com necessidades educativas especiais, não é da exclusiva competência do Ministério da Educação e das escolas, como já nos referimos anteriormente. Pois a integração exige também a grande *participação* das famílias, a *mobilização* da comunidade, das organizações de Voluntários, assim como o *apoio* do grande público.

A descentralização e o *planeamento* deste processo a nível local facilitam um maior envolvimento das comunidades na educação e formação das crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

As autoridades locais devem encorajar a participação da sociedade apoiando as associações representativas e inclusive convidando-as a participar na tomada de *decisões*. Para este objectivo devem promover-se encontros locais para facilitar a participação da comunidade, de organizações e serviços, tais como as autoridades educacionais, da saúde, da agricultura, responsáveis locais e de organizações de boa vontade.

A participação da sociedade deve contemplar as actividades realizadas na escola prestando apoio a educação das crianças através das mais diversas formas e compensando as carências do apoio familiar.

A escola trabalhará no sentido de *sensibilizar* a sociedade, como já nos referimos anteriormente, e em estreita relação com ela *reflectir* sobre projectos concretos que possam melhorar a vida das crianças com necessidades educativas especiais.

É preciso uma *luta* séria para se conseguir certos direitos elementares humanos tais como acesso aos *serviços públicos*, em dependência das suas capacidades, acesso aos meios de *transporte*, *espaços apropriados* e organizados(alterações na estruturas dos edificios, passeios e áreas de recreios para permitir e facilitar a sua utilização pelas crianças portadoras de deficiências).

Naturalmente, quererá saber as formas de lidar com essas crianças. Nas páginas seguintes, apresentar-lhe-emos algumas sugestões válidas e importantes para facilitar a sua actividade profissional.

4. 4. Sugestões

Neste capítulo procuramos apresentar algumas ideias, orientações e recomendações que consideramos úteis para um melhor desempenho da actividade docente-educativa por parte do professor que tenha ou venha a ter na sua sala de aulas, crianças com necessidades educativas especiais.

Alguns professores pensam que ensinar crianças com deficiências é tão difícil que sem uma formação especial não seria possível. Na verdade a experiência mostra de forma geral que em cada 10 crianças com necessidades educativas especiais, 8 ou 9 podem frequentar uma escola normal(do Ensino Geral). Nas páginas seguintes, encontrará informações que o ajudarão a conhecer e compreender melhor esse tipo de crianças e também a adoptar as melhores formas de ensiná-las.

4. 4. 1. Como identificar casos

Estimado professor, certamente que conhece com perfeição o seu colectivo de alunos e já verificou que não é *homogéneo*. Alguns alunos da sua sala de aulas têm dificuldades que outros não têm. Já notou, por exemplo, que uns têm dificuldades de *relacionamento* porque apresentam comportamentos *estranhos*, outros assimilam com muita *lentidão*, outros ainda, apresentam dificuldades em *movimentar-se, em ver, ouvir, falar* outros inclusivé, apresentam dificuldades *combinadas*. Essas dificuldades, perdidas ou anormalidades permanentes ou transitórias de carácter fisiológico-anatómico de certa estrutura ou função, denominam-se por "*deficiências*". Quando presentes num determinado aluno, devem merecer uma atenção adequada, por forma a *corrigi-las* ou *compensá-las* contribuindo assim, para a sua plena integração na sociedade, uma vez que as deficiências dificultam a aprendizagem do aluno, dificultam a inter-acção deste com o meio circundante, deprimem psicologicamente não só o próprio deficiente, mas também a sua família e constituem a cima de tudo um "*peso*" para a sociedade.

Existem varios *tipos* de deficiências e cada uma em dependência do seu grau de profundidade, apresenta a sua *complexidade*. Nem todas as deficiências são notórias a primeira vista. Muitas evidenciam-se apenas a partir do momento em que a criança começa a frequentar a escola.

Por isso, é muito importante que o professor esteja a altura de *identificar* os variados casos que se lhe apresentam no seu quotidiano. Para tal, apresentamos a seguir algumas situações que o ajudarão bastante :

A). Identificação de Crianças Cegas e Ambliopes

Neste grupo de crianças, incluem-se aquelas cujo estado da *agudéz visual* é consideravelmente reduzido, exigindo o *emprego* de determinadas condições para a percepção dos objectos e fenómenos, bem como a sua *orientação especial*. Destacam-se dois grupos principais : crianças *cegas* cuja capacidade de visualizar o meio circundante é *nula* por absoluto e crianças *ambliopes* com uma capacidade de visão *residual* utilizável muito *reduzida*, que em alguns casos, apenas permite apreciar a forma dos aspectos e em outros casos, as cores, a uma distância muito próxima aos olhos.

Se observamos atentamente esse tipo de crianças, daremos conta que, por exemplo, quando se movimentam sem companhia num determinado espaço livre ou com obstáculos, fazem-no com bastante cautela e atenção procurando evitar ao máximo qualquer atropelo. Procuram aproximar-se o suficiente possível dos objectos para melhor apreciação. Na sala de aulas preferem ocupar as primeiras filas para melhor observarem ao quadro, ao escreverem nos seus cadernos, inclinam demasiadamente a cabeça bem como aproximam demais o livro aos olhos no momento da leitura.

B) Identificação de Crianças Deficientes Auditivas

A deficiência *auditiva* traduz-se fundamentalmente na presença de uma *redução* da *acuidade auditiva* do individuo por diversas causas que podem ser de origem *congénita* ou *adquirida*. Neste grupo de crianças destacam-se aquelas cuja diminuição auditiva embora elevada, ainda permite perceber uma *conversação* a uma distância relativamente curta, e as que, mesmo junto ao ouvido não chegam a perceber uma conversação. Referimo-nos aos **hipoacusicos** e **surdos** respectivamente.

Essas crianças, geralmente por causa das dificuldades em ouvir ou falar, mostram-se *tímidas, relacionam-se e comunicam-se pouco*. Não conseguem prestar atenção a uma coisa durante muito tempo, quando não se lhes entende, *irritam-se* facilmente. Algumas têm tendência de colocar a

mão atrás da orelha para ouvirem melhor. Outras por não ouvirem ou falarem mal, *usam gestos* para responderem a perguntas ou expressarem aquilo que pretendem.

C) Identificação de Crianças com Deficiência Mental

Neste grupo enquadrámos aquelas crianças que apresentam um estado de desenvolvimento em que se *alteram* os *processos psíquicos* em geral, fundamentalmente na esfera *cognitiva*, de forma estável devido a uma *lesão orgânica* no sistema nervoso, com carácter *difuso* e *irreversível* e com *etiologia genética, congénita ou adquirida*.

Para melhor direcção da atenção pedagógica por parte do professor, é importante conhecer que existem *três critérios* a considerar na classificação da deficiência mental :

- * segundo a *profundidade* do defeito intelectual e tendo em conta a adaptação social;
- * segundo a *etiologia* e tendo em conta o momento em que aparece a lesão do sistema nervoso central;
- * segundo as *formas*, tendo em conta os síndromas acompanhantes;

Dentro dos critérios apresentados, faremos referência ao primeiro, que permite agrupar os casos em quatro grupos de profundidade com as seguintes características :

1. Deficiência mental leve que pode surgir por causa de uma *lesão cerebral* que tenha ocorrido *antes do nascimento*, no momento do *parto* ou *depois* do nascimento da criança, até antes dos seis anos de idade. Essas crianças geralmente apresentam *um atraso* no desenvolvimento da *linguagem e da motricidade*, principalmente a *motricidade fina*. Apresentam um pobre desenvolvimento do *vocabulário*, principalmente o *vocabulário activo*. Suas principais dificuldades manifestam-se quando a criança começa a frequentar a escola, apresentando problemas no *calcul*o, *na leitura e escrita*. Geralmente as crianças deste grupo possuem um pensamento *concreto e superficial*.

2. Deficiência mental de grau **moderado** que surge nos primeiros anos de vida, 0-6 anos de idade, as crianças deste grupo apresentam um *marcado atraso* no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, possuem pensamento *concreto*; têm pouca representação do mundo circundante; o quadro é muito mais notável quando chegam a idade escolar pois, necessitando de uma maior atenção *individual e diferenciada* que as crianças com deficiência mental leve. Essas crianças são *educáveis*, pois se forem submetidas a um óptimo programa de ensino conseguem *assimilar*

conhecimentos, *hábitos e costumes*, para *auto-valerem-se*, e chegam a levar uma vida sócio-laboral minimamente aceitável bem como *construir família*.

3. Deficiência mental **grave** surge nos primeiros momentos de vida da criança e se destacam nelas *graves transtornos* do desenvolvimento *psico-motor e da linguagem*. Apresentam problemas tanto na *motricidade fina como grossa*. A linguagem desenvolve-se muito mais tarde que as outras crianças da mesma idade. Seu vocabulário é *extramamente pobre e passivo*. Essas crianças necessitam de uma atenção especial.

4. Deficiência mental **profunda** que surge muito cedo e destacam-se *graves transtornos psíquicos, motores e de linguagem*. Neles, é frequente a presença de *máformações*. Até a idade escolar a *motricidade* continua *pouco desenvolvida*, a *linguagem* é ainda quase nula e a *actividade psíquica* continua *pouco desenvolvida* durante toda vida.

Possuem graves dificuldades de *assimilação* e geralmente devem ser atendidos em instituições do Ministério da saúde devido as constantes complicações do seu estado de saúde.

D) Identificação de Crianças com Deficiência Motora

As alterações do aparelho motor podem ser originadas por defeitos *ostearticulatórios, musculares* ou *neurológicos* que podem *impedir* ou *limitar* a realização de movimentos. Essas alterações apresentam-se e manifestam-se de *diversas formas*.

Algumas crianças podem ter dificuldades em fazer movimentos com as *pernas, braços*, com *o tronco* ou *o pescoço*. Por causa disso algumas não são capazes de usar os braços e fazer actividades com as mãos, tal como as outras crianças da mesma idade o fazem. Essas crianças podem ter ao mesmo tempo outras deficiências, tais como *auditiva, mental* ou *visual*.

Em alguns casos por exemplo, não podem ficar na mesma *posição* durante muito tempo e as vezes adoptam formas de se sentarem que aparentemente nos parecem incorrectas. Ai, é necessário prestar-se atenção porque as crianças podem apresentar problemas nas *articulações* ou na *coluna*, que lhe provoquem *dores* ou *incômodos*. As dificuldades em usar as mãos, podem ser de tal ordem que as dificultam *agarrar* o lápis ou a caneta, acarretando problemas graves na escrita.

Existem também certos casos em que a criança apresenta dificuldades na *mobilidade* da língua, nos *movimentos labiais* e na *elasticidade* das cordas vocais, afectando seriamente o desenvolvimento da *linguagem*.

E) Identificação de Crianças com Problemas de Comportamento

Pode-se definir *o comportamento anormal das crianças como manifestação visível do comportamento diferente da média das outras crianças (isto é o comportamento que se afasta da norma).*

Tal comportamento anormal causa preocupação já que dificulta as suas relações em geral e o processo de aprendizagem em especial. Sendo o professor um formador da personalidade da criança cabe-lhe a grande tarefa de dotar-se dos instrumentos necessários para modificar ou corrigir o comportamento anormal.

Estamos cientes deste grande problema. Ao considerarmos o grande número de crianças com necessidades de ajustar o seu comportamento e como a correcção deste deve ser feita paulatinamente e com a integração escolar e social da criança, não devemos esperar que os psiquiatras deem tratamento médico a esses problemas que na realidade não o necessitam.

Isto só é possível com a proposta de novos modelos de aprendizagem social para que as crianças aprendam as regras normais e que tenham a possibilidade de observar e imitar os bons comportamentos. À medida em que a nossa sociedade for melhorando, vão-se solidificando e fortalecendo as normas do comportamento normal nos indivíduos e vai-se vincando com o tempo a necessidade rigorosa da transmissão das normas sociais às novas gerações.

Como já referimos em capítulos anteriores, as crianças em situação difícil manifestam comportamento anormal, como resposta aos conflitos que viveram muito directamente relacionados com os acontecimentos de *guerra e de suas consequências*. Considerando este pormenor, é lógico que o professor de hoje deve estar preparado para ajudar a ajustar o comportamento dessas crianças que serão os homens do amanhã, pois elas deverão manifestar-se com um comportamento pessoal ou social de acordo com os parâmetros de comportamento normal da sociedade angolana.

Muitos desses comportamentos anormais das nossas crianças são resultados de *aprendizagem*. O mau comportamento é adquirido por observação a outras pessoas, por imitação de acções incorrectas e como reacções marcadamente traumatizantes, que foram reforçadas durante este longo período da guerra e de desestabilização socio-política como se não bastasse.

Caracterização do comportamento anormal das crianças

Numerosas crianças que estão nas nossas salas de aulas manifestam-se com muita ansiedade, interferindo mesmo na sua aprendizagem.

Outras têm muito medo de algumas situações ou de objectos específicos, medo que já não se justifica nas novas circunstâncias em que ocorre. Na realidade esse medo excessivo (fobia) é um temor simbólico de alguma outra coisa que tenha marcado a criança.

Também existem crianças que agem constantemente perturbando, desagradando e interrompendo as outras. Tais acções podem não ser desejadas pela criança mas talvez ela não seja capaz de evitá-las. Por exemplo, uma criança mesmo não tendo motivo racional para acreditar, ela pode ter o repetido pensamento da morte dos seus pais, a criança pode tentar livrar-se desta ideia tão perturbadora e indesejável, mas da-se conta que isso é impossível.

Em alguns casos as crianças podem tentar comportar-se de maneira a *separar-se completamente daquelas situações que lhe provocam ansiedade*, manifestando-se com *amnêsia* (perda de memória) e com uma *personalidade múltipla*, onde na tentativa de enfrentar as situações provocadoras de ansiedade, elas assumem diferentes personalidades.

Em certas crianças a *ansiedade provocada por uma situação de stress* pode transformar-se em *síntoma físico*. Estes casos não têm ferimentos reais e de certo modo podem *demonstrar pouca ansiedade*. Por exemplo, diante de uma situação que lhe podia provocar ansiedade uma criança pode tornar-se *cega* embora ela não teve ferimento na vista. Esta cegueira impede-lhe de viver a situação não desejada, protegendo-a.

Há vezes que quando *exigimos muito de certos alunos na sala de aulas perdem o controlo do comportamento porque eles associam ou relacionam o stress que têm com a decisão que têm que tomar*.

Outras crianças possuem problemas físicos com ferimento real provocado durante a guerra ou mau funcionamento dos tecidos do sistema nervoso e são estimulados por causas psicológicas. Estas podem incluir altas pressões sanguíneas, úlceras, dores de cabeça, etc.

Existem crianças que perderam o contacto com a realidade, umas têm ilusões ou seja interpretam de maneira errada as coisas e os conhecimentos, enquanto outras manifestam-se com alucinações ou falsas experiências sensoriais, vendo coisas que não existem na realidade.

Os acontecimentos vividos no período de guerra deprimiu muitas crianças e é muito frequente encontrar nas nossas salas crianças muito *desanimadas e tristes*. O professor nesta fase pós-guerra deve ajudá-las a *recuperar o seu estado afectivo demonstrando-lhes amor, desenvolvendo actividades de bom relacionamento afectivo, estimular alegria e fazer-lhes ver que a maldade não deve reinar entre as pessoas*.

O autismo infantil é um comportamento anormal muito frequente nos nossos dias, próprio de crianças com menos de 10 anos de idade que se manifestam com má comunicação, vivendo um mundo à parte e sem relacionamento com outras pessoas.

Muitas crianças não agem de acordo com os padrões da nossa sociedade. As vezes mesmo conhecendo que as boas maneiras ficam bem a todos, mesmo dominando as regras de agir correctamente, recusam-se simplesmente em aceitá-las e actuam da sua maneira e com a degradação da sociedade em geral essas aberrações foram crescendo com o andar do tempo tornando-se este comportamento mais difícil de ser eliminado.

Uma outra classe de problemas vividos pelas crianças é *o vício, a dependência à uma droga ou substâncias químicas que utilizam repetidamente*.

Muitas crianças ao serem privadas dessas substâncias como *o cheiro à gasolina, o fumo, o álcool, a liamba, manifestam muita ansiedade e desconforto psicológico*. Essas drogas *deprimem o funcionamento do sistema nervoso central e durante todo esse tempo as utilizam abusivamente como estimulantes, como forma de saírem da frustração e do stress das dificuldades que vivem, causando-lhes dependência fisiológica e psicológica*.

A caracterização que acabamos de apresentar sobre essas deficiências embora não seja tão aprofundada, oferece-lhes noções claras que lhe permitirão perceber quando está em presença de uma ou outra deficiência e a partir daí delinear a atenção pedagógica a prestar.

4. 4. 2. Formas de atendimento

Em termos de educação integrada, as crianças portadoras de deficiências, frequentam a mesma escola, inclusive a mesma sala que as crianças sem deficiências. *Isto constitui uma vantagem para elas e suas famílias porque permite-lhes estudar em qualquer escola mais próxima da sua zona de residência, e para além de permitir maior comunicação, troca de experiências e vivências entre as crianças, facilita a aprendizagem em conjunto.*

Neste contexto, acreditamos que o professor do Ensino Geral, tenha na sua sala crianças com necessidades educativas especiais com as quais não está bem preparado para lidar correctamente, daí a importância de apresentarmos neste capítulo, *algumas sugestões sobre as formas de atender os casos que eventualmente tenham sob sua responsabilidade na sala de aulas.*

A) Atendimento de Crianças Cegas e Amblíopes

Como sabe, a criança com deficiência visual apresenta um déficit num órgão dos sentidos de grande importância na aquisição de conhecimentos sobre os objectos e fenómenos da realidade. Diz-se inclusive que a informação recolhida pelo órgão da visão, representa a maior percentagem de toda a informação que o ser humano obtém do meio através dos seus órgãos dos sentidos. *Neste caso a criança necessita valer-se dos restantes sentidos para a sua sobrevivência.*

Seria um erro pensarmos que essas crianças, em compensação, possuem um sexto sentido ou que os seus restantes sentidos são mais desenvolvidos do que os das outras .

O certo é que elas fazem *mais uso e tiram maior proveito desses sentidos* do que as outras crianças com visão sã. Mas em todo caso *esses sentidos não se desenvolvem automaticamente. É preciso ensinar as crianças a utilizá-los da melhor maneira possível. No processo de integração, a educação sensorial ocupa um lugar de destaque pois constitui o ponto de partida de todo o processo de educação e ensino das crianças com deficiência visual.*

A educação e ensino das crianças com deficiência visual, integradas em escolas do Ensino Geral, leva-se a cabo *mediante o auxílio de salas de apoio equipadas geralmente com materiais e meios adequados para dar resposta às necessidades delas, onde deve trabalhar um professor especializado que tem como missão brindar todo o apoio necessário ao professor do Ensino Geral,*

dando-lhe esclarecimentos sobre a cegueira, preparar as crianças para melhor se adaptarem à sala de aulas e aos novos colegas bem como adaptarem-se ao mundo circundante.

O professor especializado através *da educação sensorial deve ajudar a criança a desenvolver e fazer melhor uso dos seus restantes órgãos dos sentidos, ensiná-las a deslocar-se com auxílio da bengala; ensiná-las o braile, bem como adaptar os materiais didácticos para que possam ser interpretados e compreendidos pelas crianças cegas ou ambliopes e também podem assistir algumas aulas do professor do Ensino Geral dando sugestões que julgar convenientes. Aqueles conteúdos que forem assimilados com dificuldades devem ser retomados na sala de apoio.*

Entretanto, nesse processo todo o papel de educador principal recai ao professor do Ensino Geral que deve proceder da seguinte forma :

1. - *O professor do Ensino Geral deve conhecer as características dos seus alunos, principalmente as das crianças cegas ou ambliopes que estiverem no seu grupo, devendo para isso, além do auto-aperfeiçoamento, consultar o professor especializado destacado na sua escola, por forma a evitar dúvidas e receios sobre as formas de tratá-las.*

2. - *Deve se evitar a super-protecção ou adopção de medidas e regras diferentes das do resto da turma.*

3. - *O professor do Ensino Geral deve saber que ao dirigir-se a uma criança cega não necessita de fazê-lo em voz muito alterada pois ela tem audição normal devendo simplesmente mencionar o nome da criança para que ela saiba da intenção. Ao dirigir-se aos demais colegas, deve também mencionar os nomes para que a criança cega saiba de quem se trata.*

4. - *Na sala de aulas, as crianças cegas e ambliopes principalmente devem ocupar os assentos da frente, embora isso também dependa em certa medida do grau de perda visual e da sua causa pelo que interessa a concertação de ideias entre o professor do Ensino Geral e o professor especializado para a comodidade do aluno.*

5. - *O professor do Ensino Geral deve comunicar atempadamente ao professor especializado as actividades a desenvolver durante a aula ou os exercícios para casa, para serem adaptados ao sistema braile ou transcritos em caracteres ampliados. O método de ensino da leitura não difere, tanto para as crianças com visão que utilizam textos impressos em escrita convencional, como para as crianças cegas que utilizam textos em braile.*

6. - *Os materiais passam previamente por um tratamento especial por parte do professor especializado inclusive reproduzir um texto por cima do braile para facilitar o acompanhamento da leitura do aluno pelo professor do Ensino Geral. Toda escrita no quadro deve ser lida em voz*

alta pelo professor ou por um aluno próximo da criança cega para viabilizar a interpretação caso não tenha sido possível a adaptação do referido conteúdo em braile ou caracteres ampliados.

7. - *O professor do Ensino Geral deve saber destacar os sucessos e insucessos da criança; deve realizar visitas de estudo ou excursões que estimulam a participação activa da criança com deficiência visual. Os conhecimentos devem ser transmitidos de forma comum a todos os alunos, escalonando os níveis de ajuda em dependência das características individuais dos alunos.*

8. - *O professor do Ensino Geral e o professor especializado devem estabelecer um vínculo com a família.*

9. - *O mobiliário da sala de aulas deve organizar-se de maneira a não obstaculizar a locomoção das crianças com deficiência visual.*

B) Atendimento de Crianças com Deficiências Auditivas

O processo de atendimento de crianças com deficiências auditivas integradas na sala de aulas do Ensino Geral tem as suas especificidades e exige a criação de determinadas condições próprias que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, devem existir na sala de aulas *dois professores*, nomeadamente o professor do Ensino Geral que assumirá a sala de aula e o professor especializado(de apoio)às crianças com deficiências auditivas. Ambos devem funcionar de maneira *harmónica*, cumprindo cada um as suas obrigações para atingir um objectivo comum : *educação para todos independentemente das diferenças individuais.*

Sabemos que o principal problema das crianças com deficiências auditivas está na *comunicação* e comunicar significa o professor *compreender o aluno* e este compreender-lhe. Tendo em consideração este problema principal os alunos deficientes auditivos devem estar situados no *melhor lugar possível*, próximo de quem fala, para facilitar a visibilidade dos lábios do orador. Para tal nós podemos auxiliar os próprios alunos pedindo-lhes para que escolham o melhor lugar. Preferencialmente os alunos deficientes auditivos devem sentar-se na sala constituindo uma linha *semi-circular* para que as pessoas se vejam umas as outras.

O professor especializado que acompanha o desenvolvimento da aula deve passar nos postos para verificar como o conteúdo está a ser assimilado e anotado; funcionar como intérprete apoiando-se na *linguagem gestual* e na *dactilologia* para facilitar a compreensão dos alunos sobretudo naqueles momentos em que ele observa que os alunos se perdem, sem interferir no bom desenvolvimento da aula; dar as devidas explicações no período contrario sobre os conteúdos trabalhados

nas aulas e de desenvolvimento de *percepção auditiva*; fornecer previamente o vocabulário da aula trabalhando com os alunos a lista de palavras que vão utilizar e implicar os alunos na busca diária de palavras no dicionário; entre outras tarefas.

No processo de educação integrada das crianças decifientes auditivas, o professor do Ensino Geral deve considerar os seguintes pormenores :

1. Quando se virar para escrever no quadro, deve ter o cuidado de *não interromper a percepção*;

2. Escrever sempre as *informações mais importantes*;

3. Facilitar a *participação activa* dos alunos surdos na sua aula;

4. Quando os alunos interveem, deve *dar um tempo* para começar a falar

5. O Deficiente auditivo apoia-se na sua visão para assimilar os conhecimentos, mas infelizmente quando estiver a escrever deixa necessariamente de *ver a frente*. Por isso o professor deve dar tempo para que seu aluno tire as notas.

6. Nunca deve esquecer de *falar claramente*, falar um pouco *mais alto* e assegurar-se que seu aluno está a *ver a sua cara* quando fala.

7. Ajudar o seu aluno deficiente auditivo a usar outras vias de comunicar tais como usar *os movimentos das mãos, da cara e do corpo*;

8. Falar com o aluno o mais que puder, mesmo se ele não ouve nada, isso vai fazê-lo sentir-se amado, associará os movimentos dos seus lábios com as coisas e vai *imitar* também a alegria do seu *rosto*;

9. Dedicar mais tempo para ajudar o seu aluno a aprender a comunicar, principalmente nos momentos em que o aluno está *contente e disposto*;

10. Evitar ensinar durante *muito tempo seguido*, pois ele se cansará e não aprenderá;

11. O aluno que não ouve necessita da sua compreensão e paciência, ele tem de aprender a *dizer* o que lhe dizes, aprender a dizer o que *pensa e sente*. Por vezes, o aluno fica triste ou zangado por não conseguir comunicar qualquer coisa. Quando tal coisa acontecer, tentar *não se zangar* com ele, são comportamentos que surgem devido a sua dificuldade de comunicar;

12. O seu aluno que não ouve pode aprender com os *olhos* o que os outros alunos aprendem com os ouvidos. Deixa o aluno *ver* o que faz, *brincar* com outras crianças e ensinã-lhe a *olhar* para as caras das pessoas quando elas falam;

13. O professor deve ter *segredo profissional e ética* com respeito aos alunos deficientes;

14. Levar o aluno consigo a conhecer *o meio*. Ajuda-o a conhecer as *peessoas* e os *lugares* da comunidade;

15. Falar com os encarregados de educação para deixar o seu filho *participar* em atividades sociais tais como em *festas, aniversários*, etc. e evitar qualquer receio que as pessoas se apercebam das dificuldades da criança.

16. Concordar com a família em escolher *gestos* para as coisas de que falam mais frequentemente;

17. Ensinar o aluno a pôr a *mão atrás* de uma *orelha* para ver se ele consegue ouvir melhor e concentrar a sua atenção ao que se pretende ouvir;

18. *Evitar gritar*, para não mudar o som das palavras, pois parecerá que estás zangado e coibirá a criança;

Não falar depressa nem mais devagar do que quando fala com os outros alunos. *Não mexer os lábios* mais do que quando fala com outras pessoas, ele necessita aprender os movimentos dos lábios e da face tal e qual como as pessoas fazem quando falam;

19. Encorajar seu aluno a *dizer sons*. Se ele fizer um som para uma palavra que seja quase o som da palavra, deve dar a perceber ao aluno que está satisfeito para incentivá-lo mais;

20. Ajudar o aluno a sentir as *vibrações* pondo a mão do aluno sobre o seu *nariz, face, garganta ou peito* enquanto estiver a falar;

21. Sempre que possível, deve dominar a *dactilologia* para ajudar a compreender e corrigir os alunos;

22. Utilizar ao máximo os *meios audio-visuais*, como o uso de desenhos, chavetas, setas, etc. que reforçam a informação de forma gráfica;

23. Dar tempo para que os alunos *registem* os livros e documentos que servem para a sua auto-preparação;

24. Criar *situações práticas*, concretas que reforçam o poder fazer;

C) Atendimento de Crianças Deficientes Mentais

Ao atender crianças com deficiência mental é importante ter em consideração que a deficiência mental *não é uma doença* mas sim, um *estado* do indivíduo. Nele o grau de profundidade do *déficit intelectual*, a *adaptação social*, as formas em que se manifesta e tendo em conta os síndromas acompanhantes, podem influir consideravelmente para o sucesso escolar da criança. Nesta base, aconselha-se que o professor *se prepara* convenientemente para melhor desempenho das suas

funções. A perícia pedagógica constitui a maior arma nesta frente. Sabe-se que o defeito estável na actividade *cognoscitiva* e a *lesão* orgânica no sistema nervoso central, constituem os factores fundamentais na deficiência mental, cujos efeitos negativos manifestam-se fundamentalmente na *forma de conceber o meio circundante*.

Nessas crianças, predomina o *pensamento concreto*, uma *linguagem pouco* desenvolvida com um *pobre vocabulário*, a senso-percepção aparece igualmente *afectada* bem como a memória, com maior predomínio da *memória involuntária*, e também mostram dificuldades na *esfera afectiva e emocional*. Toda influência psico-pedagógica deve voltar-se ao desenvolvimento destas áreas, pelo que se torna necessário fortalecer a *colaboração* entre o professor do ensino Geral e o professor especializado. Muitas situações poderão surgir durante as aulas, sem no entanto encontrarem solução imediata por parte do professor responsável do grupo, sendo necessário *o apoio do professor especializado*.

Os métodos a utilizar devem ser bem *seleccionados e adequados* as particularidades psicológicas das crianças que constituem o grupo. Os procedimentos e meios a utilizar durante a aula devem igualmente ser bem seleccionados de modo a que se atinjam os objectivos pretendidos. As actividades devem ser devidamente *planificadas e acessíveis* as capacidades de rendimento físico e psíquico dos deficientes mentais, uma vez que devido as dificuldades na dinâmica dos processos de *excitação e inibição*, estes não conseguem êxitos na solução de *exercícios lógicos* bem como na *definição dos objectos e fenómenos* da realidade que lhes são propostos a observar. Como consequência disso, ou abandonam a actividade, ou mudam de actividade ou ainda dispersam a atenção, manifestando cansaço.

A introdução de novo conhecimento, retro-alimentação ou a participação em actividades que exijam do aluno o uso das operações lógicas do pensamento, deve fazer-se com *auxílio de objectos reais*(se possível), *gravuras claras e simples* para facilitar a compreensão do material.

Em certos casos, por exemplo quando se colocam situações *problemáticas* aos alunos, como a solução de problemas matemáticos com textos; narrações de situações conhecidas; interpretação de quadros ou gravuras, é sempre importante *orientar* o aluno para o essencial, evitando que ele se perca em detalhes insignificantes, e deve-se prestar níveis de ajuda em caso de verificar-se alguma dificuldade na solução do exercício proposto. Isto porque nem sempre conseguem realizar o seu pensamento com certo nível de *abstracção*, chegando a confundir o essencial do não essencial.

Os níveis de ajuda, visam facilitar a *compreensão* do material por parte do aluno com dificuldades, colocando-lhe a mesma situação de outra forma com menor nível de complexidade e maior *acessibilidade*. A motivação não deve ser vista como uma parte da aula, mas sim um elemento

componente de toda aula. Permite incentivar os alunos para maior participação nas actividades, já que os alunos não reagem da mesma forma para cada actividade. Por exemplo, um aluno que se mostra passivo durante a leitura e interpretação de um texto, pode mostrar-se activo durante um jogo. Por isso é necessário variar as actividades intercalando-as com momentos anímicos por forma a captar maior actividade possível por parte do aluno.

O professor deve contribuir positivamente na formação da *concepção científica* do mundo aos alunos com deficiência por forma a compreenderem cada vez melhor e de forma correcta a *sucessão* dos objectos e fenómenos da realidade. Para isso o professor deve reservar um tempo determinado para a preparação de cada aula, deve exemplificar de forma clara e *acessível* fazendo com que os alunos aprendam e dominem noções e conceitos elementares. A realização de *atividades manuais* bem como as de *educação física* são sempre úteis pois possibilitam o aluno desenvolver a motricidade, tanto *fina* como *grossa*.

Uma das características fundamentais da esfera afectiva-emocional nos alunos com deficiência mental é a *falta de maturidade*. Geralmente não há correspondência entre as reações e os factos determinantes. Tanto podem reagir timidamente ante situações sérias como reagir intensamente a situações insignificantes. As vezes não têm noção clara do que fazem e não prevêm as consequências da sua conduta. Neles verificam-se *mudanças rápidas* de estados anímicos. Por exemplo, em certas ocasiões eles mostram-se bastante animados, participativos, e bem comportados e de imediato podem passar para um estado contrário sem mesmo haver motivos plausíveis. Isto deve ser conhecido pelo professor para evitar a tomada de medidas inadequadas na tentativa de ultrapassar tais situações.

Importa referir que nessas crianças aparecem também quadros de *apatias* que pela sua manifestação e incidência, podem levar a *degradação* progressiva da sua personalidade. Começam por *desinteressar-se* pelas actividades escolares, pelas pessoas com que lidam e pelo meio envolvente, perdendo inclusive a noção de perigo. Neste caso, o professor deve preocupar-se, começando por comunicar os *familiares* ou aos *encarregados* de educação para posterior encaminhamento do caso a uma *assistência médica adequada*.

São também crianças bastante *sugestionáveis* por isso devem-se criar as condições necessárias no colectivo escolar por forma a facilitar o seu óptimo desempenho e participação nas actividades do colectivo, preparando os colegas para que compreendam e aprendam a *conviver* com essas crianças.

Deve existir uma *relação estreita* entre a Escola e a Família, procurando observar a criança no seio familiar (se possível) por forma a descobrir as suas manifestações de *gostos, hábitos e interesses*.

Deve-se estimular mediante *elogios* ou por outras formas, sem exagero, os bons comportamentos, as boas participações nas aulas e não dar relevo aos maus comportamentos.

Ao seleccionar os *métodos* de ensino, o professor deve ter em conta o carácter racional da aplicação de cada um deles nas condições concretas de acordo com as *particularidades* de cada aluno, pois a eficiência do processo de ensino-aprendizagem das crianças portadoras de deficiência mental, depende em grande medida do conhecimento que o professor tenha sobre cada caso e a atenção que a elas dedicar.

Por isso as *sugestões* avançadas neste capítulo, não devem ser entendidas como medidas de aplicação rígida. É acima de tudo importante a *perícia pedagógica* e o *poder criativo* do professor.

D) Atendimento de Crianças com Deficiências Motoras

No processo de atendimento das crianças com *deficiência motora* é importante que o professor conheça e compreenda a *incapacidade* do seu aluno, para melhor delinear as tarefas que este deve realizar.

As alterações motoras apresentam distintas *gradações* ou *níveis* que vão desde a *debilidade motora leve*, caracterizada por movimentos *torpes* em todo corpo, até as debilidades mais graves que podem originar sérios problemas da função motora geral. Por isso, assumir uma turma, em que haja alunos com deficiência motora implica maior responsabilidade profissional e muita colaboração com o pessoal médico, assistente social e a família, por forma a determinar o volume e género da *carga física* a submeter ao aluno.

No trabalho com estes alunos é importante incentivar a *comunicação oral*, uma vez que em certas ocasiões, devido as suas incapacidades e limitações na linguagem não conseguem acompanhar o *ritmo* de desempenho dos seus colegas e então necessitam de oportunidade para *falarem* e serem *ouvidos*. O professor deve aproveitar esse facto como vantagem para melhor desenvolvimento das suas aulas usando essa vantagem para motivar os alunos, desenvolver o *vocabulário activo* e as qualidades da *leitura* utilizando *abundantes ilustrações* e contando pequenas *histórias* interessantes numa linguagem clara e precisa.

No início das aulas, principalmente as primeiras de cada turno, o professor pode realizar diversos exercícios preparatórios da *motricidade manual* e também *jogos educativos*, por forma a relaxar e flexibilizar a coordenação motora. Por exemplo podem-se realizar actividades com *plastilina*, *lançamento de bola*, *pintura com pincel* numa determinada área, imitar o trabalho do *sinaleiro*, de um *motorista*, etc.

É sempre importante *dosificar* as actividades, evitando que esses alunos dispendam energias excessivas. Por exemplo, na escrita, deve-se *orientar* que o aluno escreva o essencial, nas actividades de cópias deve-se calcular a *quantidade* de parágrafos em dependência do seu grau de comprometimento na motricidade *fina* principalmente na coordenação dos movimentos das mãos e dos dedos.

Nas aulas de *educação física*, deve-se ensinar a criança a rentabilizar melhor a sua capacidade física, as exigências devem ser *graduais* e *paulatinas*. Deve-se sensibilizar o grupo no sentido de compreender a incapacidade do colega e de desenvolver o *espírito* de cooperação e ajuda, para evitar a *inibição* e *receio* de participação deste nas demais actividades, pois tais procedimentos trazem como consequência, *frustrações* que limitam o estabelecimento de óptimas relações *interpersonais* e a *interacção* socialmente útil e activa.

Nos casos em que a criança necessita usar *aparelhos mecânicos* e *próteses* como por exemplo *cadeiras de rodas*, *canadianas*, *suportes*, etc. é necessário sensibilizar as pessoas que a rodeiam no sentido de se adaptarem e aceitarem as crianças aprendendo a *conviver* com as suas incapacidades e mostrar a criança que o facto de usar aparelhos não reduz o seu valor social.

Neste âmbito, a Escola integracionista joga um *papel* fundamental que não deve ser subestimado de maneira alguma.

De forma geral é importante esclarecer que a alteração do aparelho motor nem sempre aparece associada a *lesões difusas* no sistema nervoso central com conseqüente afectação das funções psíquicas superiores fundamentalmente da actividade *cognitiva*. Essas alterações podem provocar por si só influências negativas no processo de aprendizagem, dadas as limitações originadas pelas próprias incapacidades das crianças, daí que toda a actividade docente educativa deve estar *dirigida a compreensão* dos problemas ocasionados por essas alterações motoras.

O estabelecimento de uma adequada linha *terapêutica* deve constituir a pedra basilar em todo o processo de ensino-aprendizagem para essas crianças.

Dentre as mais variadas actividades que se podem realizar, destacamos a necessidade de incentivar o desenvolvimento de actividades de *expressão criativa* em distintas manifestações artísticas, tais como a *música*, *artes plásticas*, *artesanato*, *dança*, as *representações teatrais*, *trabalhos*

manuais, educação física bem como as actividades vinculadas as acções produtivas. Isto quer significar uma "revolução" no quadro curricular de maneira a adequar as disciplinas lectivas ao desenvolvimento activo das funções psico-motoras da criança. Interessa motivar e incentivar a criança por forma a levá-la a gostar e interessar-se pelas actividades extra -escolares, fundamentalmente àquelas que favorecem o desenvolvimento da sua motricidade.

E) Atendimento de Crianças com Problemas de Comportamento

Os professores se têm interessado não apenas em *identificar* os comportamentos anormais das crianças como também procuram as *formas, os métodos e meios* para resolver esses problemas do comportamento.

Este capítulo traz ao professor algumas ajudas que ele pode dar aos alunos para vencerem problemas como os que foram descritos anteriormente.

Existem vários *procedimentos* que podem ser utilizados pelos professores para tratar os problemas de comportamento anormal dos seus alunos.

Com uso da *psicoterapia*, o professor faz com que o aluno mal comportado crie confiança em si, facilitando identificar cada vez mais os problemas que originam este comportamento. O professor deve *encorajar* o aluno a *reconhecer* e *avaliar* esses conflitos. A medida que as causas principais do problema vão sendo expressadas pelo aluno, este vai demonstrar resistência; isto é, não vai discutir o assunto. Desta maneira o educador deverá fazer os possíveis para que seu aluno vença essa resistência, pois só assim a sua ajuda poderá ter êxito.

Com uso da *gestalterapia*(técnica terapêutica que enfatiza as responsabilidades do paciente pelo seu comportamento baseando-se na percepção da personalidade total), o professor deve encorajar o seu aluno mal comportado(passivo e irresponsável) a *controlar-se* e a ser mais *activo e responsável* pelas suas acções.

Com uso da *ludoterapia*(técnica terapêutica usada com crianças em situações lúdicas, de jogo, através das quais expressam padrões de personalidade), o professor cria um ambiente favorável onde as crianças têm oportunidade de *brincar* com bonecas, brinquedos, materiais de desenho, materiais para modelagem, etc. Esta técnica dá ao professor a oportunidade de *observar* comportamentos que talvez não fossem manifestados pelo aluno em circunstancias normais. Estas condições criadas geralmente *encoraja* a criança a expressar, verbalmente ou de outra forma atitudes que, do con-

trário continuariam sem expressão. Adicionalmente a recreação pode servir como alívio das tensões e ansiedades.

Com uso da *terapia de grupo*, o professor realizando actividade em grupo facilita um ambiente social onde se podem resolver muitos problemas comportamentais que tiveram a sua origem em determinados ambientes. Fazendo uso da terapia de grupo pode *influenciar* com os alunos bem comportados o *melhoramento* dos demais.

A mudança de comportamentos anormais pelo professor pode ser feito usando *técnicas de condicionamento instrumental* que consistem em reforçar os comportamentos que são apropriados, ao mesmo tempo em que procuram *eliminar* os comportamentos não aceites na nossa sociedade. Por exemplo, a *estimulação* ou *recompensa* pode aumentar as capacidades crescentes demonstradas pelo aluno.

De início as recompensas podem ser dadas por comportamentos simples como o asseio pessoal, o cuidado com as coisas que lhe pertençam ou a manifestação de boas maneiras para com os outros colegas. Quando estas coisas são conseguidas, devem continuar a ser reforçadas, mas também podem ser acrescentados outros comportamentos adicionais. Por exemplo, podem ser dadas *recompensas pela aquisição de habilidades em trabalhos*. Espera-se que no fim, o aluno possa voltar ao desempenho normal.

Podem ser utilizadas pelo professor as *técnicas de condicionamento clássico* para o relaxamento muscular relacionado com várias situações provocadoras de ansiedade. O professor deve aproximar o estímulo condicionado daquele que é o maior provocador de ansiedade. Por exemplo, *se um aluno tiver medo demasiado de pessoas vestidas de roupas de cor verde o condicionamento clássico pode ser usado para ajudar a superar este problema*. De início, o aluno pode ser solicitado a descrever fichas onde existam pessoas vestidas de roupas verdes. Enquanto isto ocorre, o aluno é *persuadido e ajudado* a relaxar. Pode se recorrer a assistência de um filme com pessoas vestidas com roupas de cor verde, depois ver na realidade algumas outras pessoas vestidas de verde. Cada passo se deve acompanhar com relaxamento com imagens ou experiências das pessoas vestidas de verde até que o aluno consiga confrontar-se com o verde sem sentir ansiedade intensa.

A *modelagem* também pode ser usada na *modificação* de comportamentos anormais. Os professores devem facilitar que seu aluno mal comportado *observe* alguém que esteja a ter êxito ao enfrentar a situação provocadora de ansiedade. O aluno pode descobrir e talvez *imitar* comportamentos aceites na nossa sociedade. Por exemplo, tanto o filme como a observação de outra pessoa devem servir não apenas como estímulos condicionados a serem acompanhados com relaxamento, mas também como *modelos* de comportamentos apropriados a serem *observados*.

« Comporto-me bem porque "adoro" o meu professor! ». É a resposta frequentemente dada pelos alunos quando são interrogados. Em *psicanálise*, a *transferência* de atitudes é o fenómeno em que o paciente desenvolve um forte vínculo emocional com o terapeuta. A situação descrita representa uma *transferência de atitude do aluno para o professor*. Com muita frequência, tal transferência é a recuperação do relacionamento filho-pai, com o professor substituindo o pai. Neste problema, a situação ilustra transferência positiva que muitas vezes ajuda o aluno a vencer a resistência.

Um aluno que mostra atitude agressiva de rechaço para com o professor pode estar fazendo uma transferência negativa. Por isso os professores devem através do seu trabalho facilitar e ganhar o *apreço*, o *carinho*, o *amor* dos seus alunos, pois constitui um pormenor muito importante no melhoramento do comportamento de seus educandos.

F) Atendimento de Casos Complexos

As crianças portadoras de deficiências podem apresentar diversas formas de comportamento, em dependência do *grau de profundidade de déficit intelectual*, a adaptação social e considerando as formas em que se manifesta e tendo em conta os *síndromas* acompanhantes. Assim, essas crianças podem também ter outras deficiências associadas àquilo que se pode considerar como "*defeito primário*" (que constitui a principal causa do estado do indivíduo), deficiências essas que trazem consigo *efeitos colaterais*, que complicam muito mais o quadro clínico do sujeito.

Por exemplo, uma criança pode apresentar *deficiência mental* (defeito primário) e também deficiência *auditiva* ou ainda, uma criança com *paralisia cerebral*, apresentar também *déficit intelectual* e uma redução considerável de *agudez visual*. Existem também aqueles casos em que as deficiências são associadas a uma ou várias alterações assim como a *enfermidades psiquiátricas*. Tanto esses como aqueles casos de deficiência única, mas de grau *profundo* ou *severo*, ***constam do grupo que designamos por casos complexos***. Muitas dessas crianças têm inúmeras dificuldades, no desenvolvimento *psico-motor*, *na linguagem*, *na motricidade fina e grossa*, *na orientação temporo-espacial*, *afectivo-emocional*, etc. o que dificulta consideravelmente o desenvolvimento harmonioso e integral da criança assim como a sua integração socio-laboral. Elas precisam de maior apoio e atenção para que se sintam seguras e amparadas, de formas a desenvolver as suas capacidades.

Geralmente, necessitam de *acompanhamento* e *vigilância* contínua e sistemática, pois por si sós, não conseguem autovaler-se e experimentam muitas dificuldades, para além de que podem *magoar-se* ou constituir *perigo* para as demais pessoas a sua volta. Quando existem condições, esses

casos são atendidos em *instituições apropriadas* tais como *hospitais, centros de medicina física e reabilitação, psiquiatrias, escolas especiais e sob cuidados da família*.

Em termos de educação o professor deve saber identificar os casos que se lhe apresentam, e em caso de dúvidas, *deve analisar a situação com o professor especializado por forma a encontrarem a viabilidade de atendimento*.

Se o caso surge por encaminhamento de alguma entidade ou trazido por um familiar ou encarregado de educação, deve ser dirigido aos serviços de *diagnóstico e orientação psicopedagógica* para *análise e decisão*. Nestes casos a escola especial joga um papel de extrema importância uma vez que garante uma linha *correctiva-educativa e compensatória* que proporciona nessas crianças, o mínimo de habilidades para a sua própria *autonomia*.

A escola especial deve traçar *planos* de acompanhamento domiciliário para ajudar as famílias a tratarem delas. São esforços que devem ser devidamente organizados e direccionados de modo a favorecer o funcionamento *de pequenos programas de reabilitação com base comunitária*.

Esta complexa tarefa do professor requer um árduo trabalho de auto-formação.

5. Formas de auto-aperfeiçoamento do Professor

5. 1. Conceito de auto-formação

Não existe um único sentido sobre o conceito de auto-formação. Existem *diferentes correntes teóricas* sobre a auto-formação. Neste trabalho não nos interessa o discurso teórico sobre o assunto. Vamos reter que a auto-formação é *contrário a hetero-formação* cujos *objectivos, programas e estratégias são definidos exteriormente ao aluno*

Pelo contrário, na auto-formação o aprendiz é *sujeito do seu próprio processo formativo*. É, *a pessoa, o objecto da formação*. Isto significa dizer que o *professor deve assumir o seu próprio processo de aprendizagem e formação*.

" Ninguém recebe uma formação inicial válida para sempre porque tudo é muita coisa "(Ángela Rodrigues, 1993). A formação não se esgota na formação inicial. O professor, por natureza do seu trabalho é um *estudante permanente* e para se assumir como tal, deve ter a capacidade de *iniciativa na aprendizagem*. Por isso o professor deve ter uma cultura de interesse e de expectativa para poder se organizar e assumir a sua própria auto-formação com o objectivo de sempre progredir na sua actividade docente.

Quais são as formas de auto-formação ?

5. 2. Formas de auto-formação

A formação faz-se na " *produção* " e não no " *consumo* " do saber alerta a professora Nóvoa. Daí a importância da prática ponto de partida e de chegada!

As formas principais de auto-formação são :

* procurar, através da *leitura* cultivar-se constantemente. A leitura de bibliografia geral e sobretudo da bibliografia específica sobre a matéria da educação de crianças com necessidades educativas especiais é indispensável;

* participar nas *reciclagens* que se realizam na província para poder abrir os horizontes científicos, culturais, pedagógicos, etc.;

* participar nos *encontros pedagógicos* que se realizam a nível da escola ou da província para conhecer as experiências dos outros;

* participar activamente nas *Jornadas pedagógicas* de modo a criar mecanismos susceptíveis de fazer um trabalho comparativo com os de outros;

* estar sempre a *escuta* da comunidade e saber reflectir sobre os seus ensinamentos;

* realizar a partir das suas próprias iniciativas um trabalho *investigativo* sobre a educação;

* através de *meios de informação* massiva o professor tem também a possibilidade de auto-aperfeiçoar-se;

5. 3. Mecanismos de medição do trabalho

A medição do trabalho efectuado pelo professor pode ser feita através de :

* observação da conduta ou comportamento quotidiano dos seus alunos(observar discretamente os seus alunos em diferentes circunstâncias e registar as manifestações marcantes para um posterior estudo de forma a sublinhar a tendência característica dos mesmos;

* análise dos índices do aproveitamento dos seus alunos(qualidade de aprendizagem, qualidade de trabalhos realizados pelos mesmos, etc.);

* audição dos Encarregados de educação sobre os seus alunos ou avaliação do Director da escola sobre os mesmos e sobre o professor;

* estudo ou análise dos trabalhos escritos dos alunos;

Bibliografia

1. **Eduino Neves/Marina Graça**
Princípios Básicos da Prática Pedagógico-Didáctica
Porto Editora
2. **David WERNER**
Guia de Deficiências e Reabilitação Simplificada
Brasília, 1994
3. **Jacques DELORS**
L'éducation. Un trésor est caché dedans
Editions Odile Jacob/UNESCO, 1996
4. **Javier Pérez de CUÉLLAR**
Notre diversité créatrice,
Rapport de la Commission Mondiale de la culture et du développement
Editions ONU/UNESCO, 1996
5. **J. A. MARTINS**
Educação para crianças vítimas de guerra
Mesa redonda sobre Educação para Todos
MED, Luanda, 1991
6. **J. P. CHAPLIN**
Dicionário de Psicologia
Editora Publicações Don Quixote, Lisboa, 1981
7. **J. KIRK HORTON e Hele KELLER INTERNACIONAL**
Educação de Alunos Deficientes Visuais em Escolas Regulares
UNESCO, 1990
8. **P. Meyer-Bisch**
La Culture démocratique : un défi pour les écoles
UNESCO, 1995

9. PETERSON

Perfil do Professor

Seminário sobre Reconstrução do Sistema Educativo

MED, Luanda, 1995

10. PETERSON

Formação dos Recursos humanos em Angola

IV Encontro da Associação das Universidades da Língua Portuguesa

Aveiro, 1994

11. P. BERCIS

Guide des droits de l'homme. La conquête des libertés

Hachette, 1993

12. Princípios de Base para a Reformulação do Sistema de Educação e Ensino na R. P. A.

MED, Luanda, 197

13. Mesa Redonda sobre Educação para Todos

Projecto ANG/89/019

MED, Luanda, 1990

14. Ensino na Comunidade para Pessoas com Deficiências

O. M. S., Genebra 1989

15. Programa de Acção Mundial para os Impedidos

Nações Unidas, N.Y., 1983

16. Projecto e Marco de Acção sobre Necessidades Educativas Especiais

Salamanca, 1994

17. Seminário sobre " Oportunidades de Emprego para os Deficientes "

Lomé, 1989

18. La Convention relative aux droits de l'enfant

UNESCO, 1995

19. Dans la rue, avec les enfants

Programme pour la réinsertion des enfants de la rue

Editions UNESCO/BICE, 1995

20. 1º e 2º Seminários de Formação de Formadores em matéria da Educação Integrada

Projecto 534/ANG/10

CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

COMO DETECTAR ?		COMO ATENDER ?		
		Escola	Família	Sociedade
A	<ul style="list-style-type: none"> - não acompanha os movimentos dos objectos. - apática, pouco participativa. - usa bengala. - caminha acompanhada. 	<ul style="list-style-type: none"> - trabalho conjunto entre o Prof. espec. e o Prof. do EG. - realizar uma óptima educação sensorial. - ensinar o Braille. - indicar o nome do aluno ou tocá-lo no ombro quando se dirige a ele ou indicar o nome dos colegas. - uso de meios de ensino facilitadores à percepção táctil. - integrar todas em todas as actividades. 	<ul style="list-style-type: none"> - vínculo com a Escola. - tomar precauções: uso de boas maneiras, identificação de pessoas em conversa, avisar-lhe quando sai, afastar-lhe dos obstáculos nas passagens - avisar-lhe das mudanças em casa. - encaminhar-la a hospital para tratamento ou à escola de ensino especial. - criar condições favoráveis à sua integração familiar - autonomização e independência - levá-la às consultas oftalmológicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - criar condições favoráveis à integração sociolaboral. - ajuda-la por ex: <ul style="list-style-type: none"> a atravessar a estrada, a escolher no mercado produtos e a saber dos preços, nas paragens de taxis autocarros para identificar a sua linha, no restaurante para interpretar o menu, etc. - ter uma atitude amável e evitar gritar ao falar. - criar espaços e oportunidades facilitadoras à integração sociolaboral (ofício) <ul style="list-style-type: none"> diversão e recreação.
AMBLÍ-OPE				

CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

COMO IDENTIFICAR ?	COMO ATENDER ?		
	ESCOLA	FAMILIA	SOCIEDADE
<ul style="list-style-type: none"> - percebe a conversação a uma distância relativamente curta(hipoacústica). - mesmo junto ao ouvido não percebe uma conversação(surda). - não presta atenção a uma coisa durante muito tempo. - irrita-se facilmente. - coloca a mão atrás da orelha para ouvir melhor. - usa gestos para responder a perguntas ou expressar aquilo que pretender. 	<ul style="list-style-type: none"> - prof. do EG e o prof. especializad - trabalhar harmo- - niosamente : EPT - colocar-se próximo de quem fala facilitando a visibilidade dos lábios - realizar a leitura lábio-facial. - realizar explicações no período contrário. - utilizar meios áudio-visuais. - escrever sempre as infos. mais importantes. - falar claramente. - falar o mais que poder, mesmo que ela não ouve nada - fazê-la sentir-se amada, associar os movimentos dos seus lábios e imitar a alegria do seu rosto. 	<ul style="list-style-type: none"> - falar constante-mente com ela para aprender a ler os movimentos dos lábios. - ajudar a comunicar por escrito nas tarefas escolares, etc. - enquadrar numa oficina ou empresa, através das Ong's. - deixá-la participar nas actividades sociais : festas, aniversários, etc. - utilizar as formas de estimulação. 	<ul style="list-style-type: none"> - levar uma campanha de sensibilização : Educação, Saúde, Cultura, Emprego... - ensinar-lhe um ofício, integrá-la num clube de arte, música, dança, etc. - acesso aos serviços públicos - apoiar a sua educação através de mais diversas formas. - reflectir sobre os projectos para melhorar a vida.

CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA MOTORA

COMO DETECTAR ?	COMO ATENDER ?		
	ESCOLA	FAMÍLIA	SOCIEDADE
<p>- apresenta problemas osteo-articulares, musculares ou neurológicos que lhe os dificultam a realização de movimentos.</p> <p>- não consegue sustentar a cabeça, sentar, mover as pernas, as mãos ou os lábios.</p> <p>- paralisia dos membros superiores ou inferiores, de forma combinada, unilateral ou alternada.</p> <p>- apresenta marcha torpe</p> <p>- necessita de aparelhos auxiliares ou cadeira de rodas.</p> <p>- nota-se desigualdade no crescimento dos membros, polidacúlia ou músculos atrofiados.</p> <p>- dificuldades na coordenação motora, afectando a linguagem principalmente a pronúnciação.</p>	<p>- criar as condições favoráveis à adaptação e integração na sala de aulas.</p> <p>- combinar o trabalho psico-pedagógico e o clínico terapêutico.</p> <p>- ensinar as formas adequadas para o manejo dos meios didáticos: sustentar o livro ou caderno, agarrar o lápis, a tesoura, etc.</p> <p>- acomodação na sala de aulas: adaptar carteiras, cadeiras ou bancos, etc.</p> <p>- melhorar a coordenação motora através da fisioterapia e educ. física.</p> <p>- atendimento multi-disciplinar</p>	<p>- os membros da família devem contribuir para a reabilitação da deficiência.</p> <p>- ser continuado-res do trabalho realizado pela Escola e as Instituições médicas :</p> <p>fazer-lhe massagens em casa, ensinar-lhe como comer sozinha, vestir, etc</p> <p>- desenvolver a linguagem, fazendo com que ela seja activa e participativa nos assuntos familiares.</p> <p>- adquirir aparelhos mecânicos ou próteses</p> <p>- alterar a estrutura residêncial.</p>	<p>- deve existir uma política de auto-consciência e mudança de atitudes para com a criança por forma a facilitar a sua integração na sociedade.</p>

CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA MENTAL

COMO DETECTAR?			COMO ATENDER?		
S E G U N D O P R O F U N D A D E D E F E I T O	LEVE	<ul style="list-style-type: none"> - desenvolvimento pobre da linguagem (vocabulário passivo) - desenvolvimento pobre dos interesses pela actividade escolar - pensamento concreto e superficial - comprometimento na motricidade 	ESCOLA	FAMÍLIA	SOCIEDADE
			<ul style="list-style-type: none"> - contribuir para a adaptação social através das actividades que desenvolvam a força muscular, os hábitos laborais - ensino capaz de desenvolver principalmente a esfera cognitiva - dosificar a matéria, seleccionar os métodos e meios, tendo em conta as particularidades individuais 	<ul style="list-style-type: none"> - velar pela realização das tarefas escolares - confiar-lhe pequenas tarefas no sentido de desenvolver a imaginação, criatividade e pensamento - encorajar a aprendizagem de um ofício 	<ul style="list-style-type: none"> - criar condições para a formação profissional - criar empregos - criar clubes - criar associações
	MODE-RADO.	<ul style="list-style-type: none"> - predomina pensamento concreto - dificuldades na senso-percepção, memória e linguagem mais acentuada no desen. mot. 			<ul style="list-style-type: none"> - com uma atenção cuidada, pode ser útil a sociedade e viver de forma autónoma

CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA MENTAL

COMO DETECTAR?			COMO ATENDER?		
S E G U N D O P R O F U N D I D A D E D E F E I T O			ESCOLA	FAMÍLIA	SOCIEDADE
			GRAVE	<p>-dificuldades desde os 1ºs momentos de vida :</p> <p>. motricidade fina e grossa afectada</p> <p>. aparecimento tardio da linguagem</p> <p>. vocabulário pobre e passivo</p> <p>. actividade psíquica pouco desenvolvida</p> <p>. marcha torpe</p>	<p>- todo trabalho deve dirigir-se principalmente ao desenvolvimento de habilidades e hábitos que contribuam para o seu autovalidismo</p> <p>- deve ser atendida em Instituições especializadas (hospital, clínica, internato) ou pela própria família</p> <p>- não pode frequentar escola</p>
PRO-FUNDO		<p>- graves transtornos psíquicos, motores e de linguagem</p> <p>- desenvolvimento psíco-motor insignificante</p> <p>- má formações</p> <p>- assimilação e validade nulas</p>			

CRIANÇA COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

COMO DETECTAR ?	COMO ATENDER ?		
	ESCOLA	FAMÍLIA	SOCIEDADE
<ul style="list-style-type: none"> - medo excessivo de objectos - constantemente perturba, desagrada - altas pressões sanguíneas, úlceras, dores de cabeça por causas psicológicas e ferimentos - ilusões -alucinações - desanimada - autista vivendo um mundo à parte e sem relacionamento com os outros - frustrada com vícios, toxicómana 	<ul style="list-style-type: none"> - identificar as causas que originam os problemas - através da Psicoterapia, criar confiança no aluno - através de Gestalterapia ajudar o aluno a controlar-se - usar a ludoterapia para observação - usar a terapia de grupo - usar técnicas de condicionamento - usar a modelagem - observar filmes - uso de actividades extra-escolares 	<ul style="list-style-type: none"> - lutar para um vínculo emocional e confiança - estar livre de conflitos - apoiar a formação profissional - ajudar a escola 	<ul style="list-style-type: none"> - realizar encontros multisectoriais - apoiar a educação através das mais diversas formas e compensar as carências - reflectir sobre os projectos que possam melhorar a vida da criança e não só